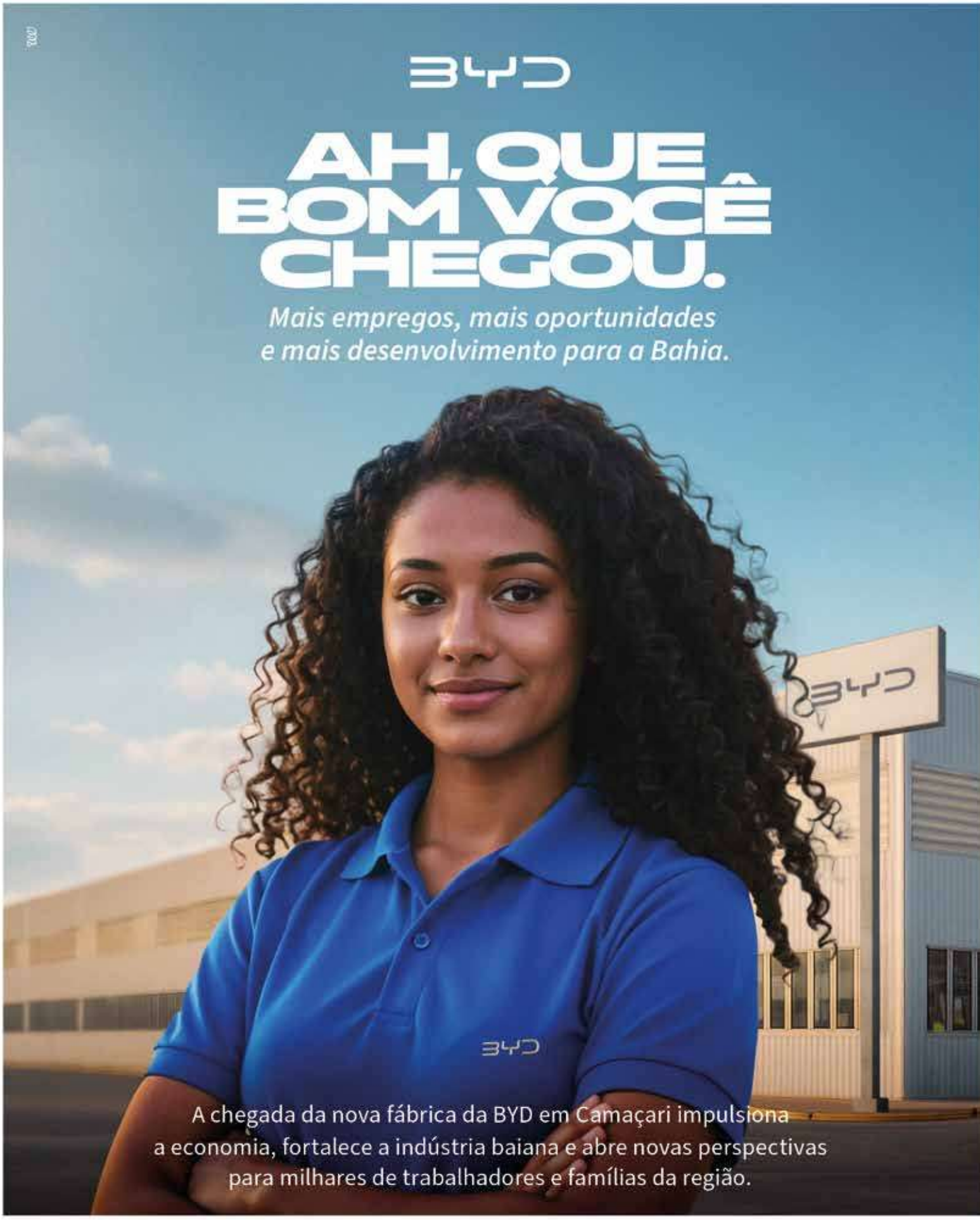
Bahia Econômica

Edição 11 / Maio 2026



VISÃO DE FUTURO

A Bahia e o seu Papel na Nova Ordem Mundial



No trânsito, enxergar o outro é salvar vidas.

BYD É DO BRASIL

FEITO NA BAHIA BYD É DO BRASIL

AGENDE UM TEST DRIVE

EDITORIAL

ARMANDO AVENA | **DIRETOR**



Acervo pessoal

Ao longo de sua trajetória, o portal Bahia Econômica firmou-se como uma referência na produção de conteúdo qualificado, acompanhando de perto as transformações que moldam o ambiente econômico da Bahia e do Brasil. A Revista Bahia Econômica nasce desse mesmo compromisso: o de reunir ideias, provocar reflexões e iluminar caminhos.

Chegamos à 11ª edição com um tema que dialoga diretamente com os desafios do presente e as oportunidades do futuro: "**Visão de Futuro: A Bahia e seu Papel na Nova Ordem Mundial**".

Em um cenário global marcado por profundas mudanças nas cadeias produtivas, pela transição energética, pela inovação tecnológica e por uma nova geopolítica econômica, a Bahia se reposiciona. Mais do que acompanhar esse movimento, o estado reúne condições reais de protagonismo, ancorado em sua diversidade produtiva, em seus ativos naturais e na força de sua gente.

O tema "**A Bahia e seu papel na nova ordem mundial**" destaca a importância de a economia baiana ampliar sua articulação global, por meio do aprimoramento de sua infraestrutura e da expansão e organização de sua logística de escoamento. Nesse contexto, o estado deve voltar-se cada vez mais para o mercado internacional, não apenas por meio dos setores tradicionais — como o agronegócio, a indústria e as commodities —, mas também com o fortalecimento do setor de serviços.

Abrindo esta edição, por exemplo, a Ministra da Cultura, a baiana Margareth Menezes, propõe uma leitura estratégica e contemporânea do desenvolvimento: cultura e economia são dimensões indissociáveis de um mesmo projeto de país. Ao evidenciar a força da economia criativa — capaz de gerar riqueza, emprego e inovação com base na diversidade e na identidade —, sua reflexão amplia o horizonte do debate e reposiciona os ativos culturais como pilares estruturantes de crescimento sustentável, inclusão social e projeção global da Bahia e do Brasil.

Esta edição reúne artigos e entrevistas com relevantes gestores públicos e grandes executivos de diferentes setores, que oferecem ao leitor uma visão estratégica sobre os caminhos possíveis para o desenvolvimento sustentável, competitivo e integrado da economia baiana.

Mais do que informar, esta revista convida à reflexão.

Porque entender o futuro é, antes de tudo, decidir como queremos construí-lo.

Boa leitura!

Armando Avena é economista, jornalista e escritor. É doutor em Ciência Sociais pela UFBA e Mestre em Planejamento Global e Política Econômica, pela Cepal/Chile. Foi Secretário de Planejamento do Estado da Bahia e criador e primeiro presidente do Conselho Nacional de Secretários de Planejamento. Assina coluna semanal no jornal A Tarde de Salvador e é editor-chefe do portal Bahia Econômica, Escritor, é membro da Academia de Letras da Bahia, e possui 11 livros publicados.

A revista do portal Bahia Econômica

EXPEDIENTE

Uma Publicação do Bahia Econômica,
nº 11 / Maio 2026

Diretor Presidente
Armando Avena

Editor Geral
Luiz Freire

Textos
Convidados

Revisão de textos
Lara Lisboa

Projeto Gráfico e Diagramação
Carlos Vilmar

Impressão
Halley Gráfica e Editora

Contato
Portal Bahia Econômica

Rua Dr. José Peroba, nº 297,
salas 709 e 710
Edf. Atlanta Empresarial – STIEP
Salvador/BA – CEP: 41770-235
adm@bahiaeconomica.com.br
(71) 3565-2888
www.bahiaeconomica.com.br

As opiniões contidas nas entrevistas e artigos assinados não refletem necessariamente o pensamento do Bahia Econômica.

Feitas por ideias — humanas e digitais

Nesta edição, muitas imagens foram geradas com o auxilio da Inteligência Artificial, refletindo nosso compromisso com a inovação e com novas formas de contar histórias visuais.

Imagen da capa: Gemini.google.com
Imagens dos artigos e entrevistas vide créditos das fotos no miolo da revista.

ÍNDICE



10 BAHIA: MATRIZ DA ECONOMIA CRIATIVA BRASILEIRA - MARGARETH MENEZES



14 O DESAFIO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE LIDERAR A SEGURANÇA ENERGÉTICA- RICARDO ALBAN



18 REFORMA TRIBUTÁRIA, INVESTIMENTO E EQUILÍBRIO FEDERATIVO - MANOEL VITÓRIO



22 BAHIA COMO HUB DA NOVA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA BRASILEIRA - ALEXANDRE BALDY



28 VISÃO DE FUTURO: O PAPEL DO LEGISLATIVO DE SALVADOR NA NOVA ORDEM GLOBAL - CARLOS MUNIZ



30 BAHIA E O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DIANTE DA NOVA ORDEM GLOBAL - CLÁUDIO PEIXOTO

ÍNDICE





36 AGRO BAIANO: SUSTENTABILIDADE, INOVAÇÃO E PROTAGONISMO NA NOVA ORDEM GLOBAL - HUMBERTO MIRANDA

40 EMPREENDER COMO CHAVE PARA O FUTURO - JORGE KHOURY





42 COPA DO MUNDO VERDE: A DESCARBONIZAÇÃO E TRANSIÇÃO ENERGÉTICA NA INDÚSTRIA PETROQUÍMICA - ANGÉLICA BERTIN

46 INCENTIVOS E OPORTUNIDADES FAZEM DE ALAGOINHAS O NOVO CENÁRIO PARA INVESTIMENTOS - GUSTAVO CARMO





50 A NOVA FORÇA LOGÍSTICA DA BAHIA - MARCOS TOURINHO

54 BAHIA, TERRITÓRIO GLOBAL ONDE INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE IMPULSIONAM O FUTURO - MOISÉS SANTOS



56 CONEXÕES QUE TRANSFORMAM: A IMPORTÂNCIA DA BAHIA NO CONTEXTO DA AVIAÇÃO BRASILEIRA - JULIO RIBAS



60 A INOVAÇÃO É O QUE NOS MOVE - FREDERICO DOMINGUEZ



64 HÍBRIDOS: A NOVA FRONTEIRA DA GERAÇÃO RENOVÁVEL - RAFAEL KNOP



68 SAÚDE COMO VETOR DE DESENVOLVIMENTO: O CUIDADO QUE IMPULSIONA A ECONOMIA - AGNALUCE MOREIRA



72 INFRAESTRUTURA E DESENVOLVIMENTO: OS AVANÇOS ESTRATÉGICOS DE SALVADOR - JÚLIO SANTOS



76 O FUTURO É VERDE E CULTIVADO: A REVOLUÇÃO SUSTENTÁVEL DO SETOR FLORESTAL - WILSON ANDRADE

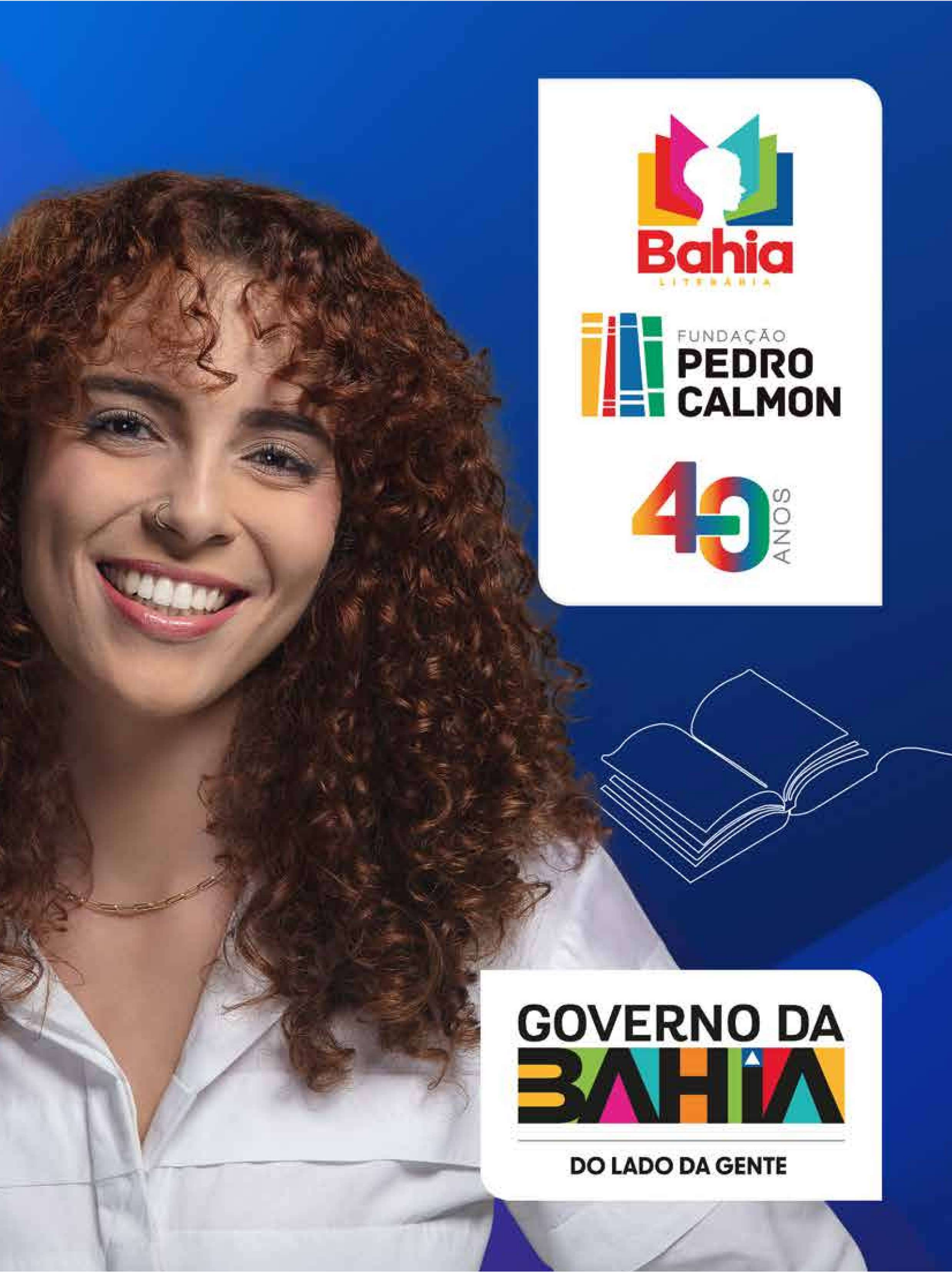


80 VISÃO DE FUTURO: O VAREJO BAIANO COMO FORÇA ESTRATÉGICA NA NOVA ORDEM ECONÔMICA - AMANDA VASCONCELOS

FEIRAS LITERÁRIAS EM TODO O ESTADO

O Governo da Bahia está do lado da gente, promovendo cultura, educação e conhecimento em todo o nosso estado. São eventos literários como a Bienal do Livro, FLIFS, FLICA, FLIGÊ, FLIPELÔ, entre outros. Promover esses encontros cria oportunidades e facilita o acesso à leitura para mais baianos e baianas. Essa é a Bahia Literária.




Bahia
LITERÁRIA
FUNDAÇÃO
PEDRO
CALMON
40 ANOS
GOVERNO DA
BAHIA
DO LADO DA GENTE



BAHIA: MATRIZ DA ECONOMIA CRIATIVA BRASILEIRA

Margareth Menezes – Ministra da Cultura do Brasil (MinC)

A economia criativa se destaca globalmente como um dos setores mais vibrantes de crescimento, representando cerca de 3% do PIB mundial e gerando mais de 30 milhões de empregos, de acordo com a UNESCO. E o Brasil desponta como liderança nas Américas por sua diversidade cultural e imensa capacidade de inovação e criatividade. O ecossistema criativo brasileiro movimenta bilhões de reais anualmente, e é fonte de sustento para milhões de trabalhadores, trabalhadoras, fazedores e fazedoras de cultura das mais diversas expressões, manifestações e linguagens artísticas e culturais, gerando retornos superiores a investimentos em indústrias tradicionais.

Por isso, desde que assumimos o Ministério da Cultura, estamos mobilizados a transformar a riqueza e a diversidade cultural brasileiras em um recurso estratégico para um novo desenvolvimento. Um desenvolvimento que possa promover crescimento econômico alinhado ao enfrentamento das desigualdades e da miséria; que seja ambientalmente sustentável, economicamente justo e inclusivo.

Nesta gestão, estamos lançando uma Política Nacional de Economia Criativa reconhecendo-a como pilar fundamental do crescimento econômico brasileiro. Recriamos a Secretaria de Economia Criativa, desmontada no governo anterior, superando um desafio crônico do país: a falta de visão estratégica para ativar o seu potencial econômico na indústria cultural e artística.

Nosso Ministério da Cultura tem priorizado essa pauta desde o início, chamando atenção para os impactos da economia criativa em emprego, renda, para além das outras dimensões da cultura, como representatividade, diversidade e memória cultural. No entanto, isso ainda não é uma realidade estruturante. Sabemos do potencial da economia criativa, mas faltam políticas e ações estruturantes. Precisamos de uma política consolidada de economia criativa, como já existe em vários países.

> *"A cultura é uma força estratégica para o desenvolvimento nacional."*



E isso se justifica pelo impacto real na economia, com fortalecimento do país, geração de emprego e renda, que, segundo a economista Mariana Mazzucato, não é mero setor, mas um valor público transversal essencial para uma economia inclusiva e sustentável. Segundo Mazzucato, a cultura transcende setores, pois é valor público para coesão social e inovação.

Hoje, o mundo questiona grandes investimentos em áreas sem retornos consolidados e visíveis, mas a cultura demonstra resultados expressivos e confirma algo que o setor cultural sempre soube: a cultura é uma força estratégica para o desenvolvimento nacional.

A "Pesquisa de Impacto Econômico da Lei Rouanet" encomendada pelo Ministério da Cultura, realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em parceria com a Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), lançada em janeiro de 2026, analisou os dados de 2024: os projetos apoiados pela Lei Rouanet movimentaram R$ 27,5 bilhões na economia brasileira, o que representa um retorno de R$ 7,59 para cada real investido, e gerou aproximadamente 228 mil empregos diretos e indiretos.

Esses dados abrem imensas possibilidades para o Brasil, com perspectivas futuras no setor cultural ampliadas pela abertura de novos mercados, o retorno do país a uma posição de destaque global e a assinatura de acordos bilaterais e multilaterais, como o Mercosul-União Europeia. Essa janela de oportunidades beneficia todos os setores, inclusive o cultural, onde o Brasil há muito é reconhecido por sua diversidade cultural, pelos talentos de seus artistas e produtores, pela criatividade, e pela pluralidade de temáticas, linguagens artísticas e culturais e por seu maravilhoso imaginário.

> *"A Bahia se destaca como uma grande matriz de riquezas pela história de sua construção social e política."*



"Estado que irradia influência em filmes, novelas, música, cinema, artes plásticas, gráficas e culinária: a Bahia é, de fato, um país dentro do país."

Quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva me convidou para reconstruir o Ministério da Cultura e implementar políticas culturais, tínhamos uma missão hercúlea que envolvia recriar a arquitetura institucional do MinC e executar a Lei Emergencial Paulo Gustavo, além da Política Nacional Aldir Blanc, buscando alcançar todas as cidades e estados brasileiros. Vivemos hoje um momento muito propício, mas também necessário para ativar a dimensão econômica da cultura nos territórios e suas comunidades.

Nesse contexto, a Bahia se destaca como uma grande matriz de riquezas pela história de sua construção social e política, concentrando uma pluralidade de identidades, culturas, saberes ancestrais e contemporâneos de povos originários, africanos (bantus, jejes, iorubás), imigrantes europeus (portugueses, ingleses, holandeses) e árabes. Na contemporaneidade, a Bahia surpreende por esse potencial materializado em diversas culturas numa expressão cultural única e diversa, com projeção natural por sua composição, manifestando-se em tradições centenárias e contemporâneas.

Assim, o estado da Bahia é, e sempre foi, referência de criatividade e inventividade. Da baiana do acarajé, que transforma um sabor e saber ancestral em renda, emprego e autonomia econômica; dos blocos afros que desafiam e enfrentam o racismo e ideais preconceituosos, projetando e criando estéticas positivas e afirmativas sobre a população negra; das festas populares; da gastronomia, da moda, da música, do audiovisual, dos saberes tradicionais e ancestrais, do circo, do patrimônio material e imaterial, do teatro, do artesanato, do samba de roda e da capoeira, a Bahia nos lembra e comprova que criatividade é uma habilidade que pulsa e vibra em toda a extensão de seu território.

Das manifestações populares centenárias às expressões contemporâneas, ano após ano, novos arranjos, harmonias, linguagens e formatos surgem como resposta criativa a velhos e novos desafios. A economia criativa da Bahia demonstra como a cultura é um eixo estruturante de um novo modelo de desenvolvimento que gera riqueza assentada em inclusão, diversidade, cooperação e sustentabilidade.

Como por exemplo o carnaval baiano, que em 2026 foi considerado um dos maiores da história, com a injeção de R$8,1 bilhões na economia.

Mas existem outros exemplos. Dados da Secretaria de Turismo da Bahia





(Setur) mostram que, em 2024, as celebrações juninas movimentaram R$2 bilhões e atraíram cerca de 1,7 milhão de visitantes. Em 2025, de acordo com a Fundação Pedro Calmon (SecultBA), a Bahia realizou um marco histórico: 101 feiras, festas e festivais literários realizados nos 27 territórios de identidade. Feiras como a Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA), Bienal do Livro Bahia, Flipelô, Feira Literária de Mucugê (Fligê). No município de Nazaré, no Recôncavo Baiano, acontece a Feira de Caxixis, um dos maiores eventos de artesanato ao ar livre da América Latina, com mais de 300 anos de tradição. E não nos esqueçamos das milhares de festas populares que acontecem do mar ao sertão: a Festa de Nossa Senhora da Boa Viagem; a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, Folia de Reis.

Entretanto, a Bahia, assim como o Brasil, ainda está em processo de despertar para aproveitar melhor esse potencial, com profissionalização, oportunidades de melhoria do setor, emancipação dos trabalhadores e trabalhadoras da cultura (com segurança previdenciária e laboral, bem como formação e qualificação) além de ferramentas adequadas e políticas que aprimorem a cadeia produtiva, ampliando o rendimento econômico desse estado maravilhoso, formidável, diverso e terra mãe do Brasil.

Por isso, estamos trabalhando para criar uma política nacional de economia criativa que promova e incentive a dimensão econômica da cultura de maneira democrática e inclusiva, uma necessidade urgente também para a Bahia. Esse estado, cantado e reverenciado em enredos tão conhecidos de escolas de samba do Rio de Janeiro, como o clássico "Bahia de Todos os Deuses" do Salgueiro (1969), a homenagem a Maria Bethânia da Mangueira (campeã em 2016) e o recente "Bembé do Mercado" da Beija-Flor (2026), e de São Paulo, como "Uma Jóia da Bahia" do Tatuapé (2024) e alas das "mães baianas" da Nenê de Vila Matilde. Estado que irradia influência em filmes, novelas, música, cinema, artes plásticas, gráficas e culinária: a Bahia é, de fato, um país dentro do país.

No Ministério, buscamos unidade na gestão para políticas inclusivas, democráticas e igualitárias, com alinhamento entre pastas, volume recorde de recursos e iniciativas estratégicas como o Marco Regulatório do Fomento. O Marco representa um avanço histórico que responde a uma demanda antiga do setor cultural por segurança jurídica, transparência e previsibilidade nos incentivos fiscais e editais. E atualiza ferramentas como a Lei Rouanet e a Política Nacional Aldir Blanc, reduzindo burocracia, uniformizando prestação de contas e ampliando acesso para artistas independentes, coletivos periféricos e projetos regionais, atraindo assim investimentos privados e estrangeiros para profissionalizar a cadeia criativa.

Além disso, avançamos na regulamentação do Sistema Nacional de Cultura, no Observatório da Economia Criativa, e contamos com representação em todos os estados. Com o objetivo de promover ações de qualificação e formação do setor cultural, criamos a ESCULT – Escola Solano Trindade de Cultura e Economia Criativa, que atende milhares de agentes culturais.

A Bahia, ao lado de vários territórios criativos brasileiros, desponta como ponta de lança com seu soft power cultural, pronta para aproveitar todas as oportunidades. Assim, a implementação da Bahia Film Commission é urgente, bem como uma maior sinergia entre turismo e cultura, e a qualificação de gestores, prestadores de serviço e equipamentos culturais. Tudo isso é crucial para que a Bahia continue a ser essa grande referência na cultura e arte dentro e fora do Brasil, sem jamais subestimar ou apagar a contribuição da cultura baiana e de seu povo para a identidade nacional e para a construção de nosso país.

E não podemos errar em relação ao futuro porque esse é o momento decisivo para transformar nosso patrimônio pluricultural em prosperidade sustentável, garantindo que gerações vindouras colham os frutos de uma economia criativa democrática e estratégica para o desenvolvimento do Brasil, capaz de integrar territórios, valorizar saberes, ampliar oportunidades e consolidar a cultura como eixo central de um projeto de nação mais justo, inclusivo e inovador. ■



O DESAFIO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE LIDERAR A SEGURANÇA ENERGÉTICA NA NOVA ECONOMIA GLOBAL

Ricardo Alban - *Presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)*

O cenário internacional atravessa um período de instabilidade, marcado por conflitos geopolíticos, disputas de narrativas e volatilidade nos preços das commodities. Nesse contexto, a segurança energética voltou ao centro do debate global como uma questão de soberania e resiliência econômica. Em um sistema produtivo cada vez mais integrado, oscilações no custo da energia ou interrupções no fornecimento de insumos afetam diretamente a inflação, a competitividade industrial e a estabilidade social, com impactos que se espalham por diferentes setores da economia.

As guerras pressionam o preço do petróleo e reconfiguram rotas comerciais, encarecem cadeias logísticas e aceleram a busca por maior autonomia energética. Ao mesmo tempo em que expõem custos humanos elevados, essas transformações redesenham o equilíbrio econômico global e abrem espaço para que países com recursos naturais e base industrial, como o Brasil, ampliem a relevância no cenário internacional. É um momento em que riscos e oportunidades convivem de forma mais evidente.

Para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o encarecimento dos combustíveis fósseis representa um desafio para o setor, mas também funciona como um estímulo à transformação. A transição para fontes alternativas deixou de ser apenas uma agenda ambiental e passou a integrar a estratégia econômica dos países, influenciando decisões de investimento, políticas industriais e fluxos de comércio.

Esse movimento é reforçado por mudanças no comércio internacional. A pegada de carbono passou a influenciar o acesso a mercados, especialmente nas eco-

> *"A medida tem o potencial de impulsionar o desenvolvimento das regiões Norte e Nordeste."*



nomias desenvolvidas, que adotam mecanismos regulatórios e requisitos mais rigorosos. O Brasil parte de uma posição favorável, com uma matriz elétrica majoritariamente renovável, mas essa vantagem, por si só, não assegura liderança. Transformar potencial em competitividade exige escala, previsibilidade regulatória e investimento contínuo em inovação e tecnologia.

Dessa forma, a transição energética deve ser conduzida como um processo planejado e gradual, capaz de equilibrar a incorporação de novas fontes com a preservação da base produtiva existente. Garantir energia a custos competitivos é condição essencial para que a indústria continue operando e investindo, enquanto o país avança em tecnologias como hidrogênio verde, captura de carbono e energia eólica offshore.

Nesse contexto, as fontes tradicionais mantêm papel relevante no curto e médio prazo, inclusive como financiadoras da infraestrutura necessária para o futuro. A extração de petróleo e gás na Margem Equatorial se insere nessa lógica. A medida tem o potencial de impulsionar o desenvolvimento das regiões Norte e Nordeste, ao estimular cadeias produtivas, criar empregos e ampliar a capacidade tecnológica e logística do país.

Estudo da CNI aponta que a atividade pode criar mais de 326 mil empregos formais, adicionar cerca de R$ 65 bilhões ao PIB e ampliar a arrecadação pública. Esses recursos têm capacidade de fortalecer áreas como saúde, educação e pesquisa, além de apoiar o desenvolvimento de novas tecnologias energéticas. Hoje, o setor de óleo e gás responde por aproximadamente 9% do PIB industrial e continua essencial para garantir a segurança energética durante a transição. Ao mesmo tempo, contribui para financiar os investimentos necessários à diversificação da matriz.

> *"É fundamental um ambiente de negócios previsível, com regras claras e estabilidade regulatória."*

Para viabilizar esse conjunto de investimentos, é fundamental um ambiente de negócios previsível, com regras claras e estabilidade regulatória. A modernização do marco do licenciamento ambiental contribui nesse sentido ao reduzir incertezas e tornar os processos mais transparentes e ágeis, sem renunciar ao rigor técnico e à proteção ambiental.

Outro avanço importante foi a aprovação do mercado regulado de carbono no Brasil, que agora entra na fase de regulamentação. Mais do que um instrumento ambiental, ele tende a impulsionar inovação, aumentar a eficiência



produtiva e criar oportunidades de negócio. Com regras bem definidas, empresas com menor intensidade de emissões ampliam sua competitividade e acesso a financiamento, em um cenário global cada vez mais orientado por critérios ambientais, sociais e de governança.

A ampliação do papel da indústria também se reflete no cenário internacional. A Sustainable Business COP (SB COP), liderada pela CNI, consolidou-se na COP30, em Belém, como uma plataforma relevante de articulação do setor privado. A iniciativa levou recomendações técnicas, propostas e experiências concretas à presidência da conferência, contribuindo para aproximar compromissos climáticos de sua implementação efetiva.

Atualmente, a SB COP reúne lideranças de mais de 60 países e milhões de empresas, com foco em temas como financiamento climático, bioeconomia, economia circular e transição energética. O movimento reforça o reconhecimento do setor produtivo como agente indispensável para viabilizar investimentos, difundir soluções e transformar metas em resultados concretos, especialmente em um cenário que exige rapidez e escala.

O protagonismo brasileiro na COP30 também proporcionou o avanço de projetos idealizados por aqui. O Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF), por exemplo, ganhou tração como mecanismo de financiamento de longo prazo para a preservação ambiental, com apoio de países desenvolvidos. Outras propostas com o nosso DNA receberam holofotes, como a Coalizão Aberta de Mercados de Carbono Regulatórios, que busca fortalecer esses instrumentos como ferramentas de descarbonização; e a Missão Belém para 1,5°C, que propõe ampliar a ambição e a implementação das metas climáticas até 2035 por meio da cooperação internacional.

Nesse ambiente, a indústria brasileira contribui não apenas para o debate, mas para a construção de soluções e instrumentos concretos. A participação do setor no chamado Roteiro de Baku a Belém demonstra esse papel na definição de caminhos para o financiamento e a implementação da ação climática global. Essa atuação é especialmente relevante diante de medidas como o Mecanismo de Ajuste de Fronteira de Carbono da União Europeia, que podem impactar países em desenvolvimento e reforçam a importância de regras equilibradas no comércio internacional.

A COP30 representou mais do que um marco diplomático. Ao reposicionar o Brasil como articulador de soluções, a conferência abriu uma nova etapa, voltada à implementação. O foco agora se desloca para a COP31, em Antália, com o desafio de transformar compromissos em resultados e ampliar o financiamento da transição energética em escala compatível com as metas climáticas.

Nesse cenário, a indústria brasileira já demonstra capacidade de liderar o processo. Avanços em inovação, eficiência e redução de emissões mostram que o setor produtivo pode ser protagonista de um modelo de desenvolvimento mais sustentável. Com maior coordenação entre governo, empresas e sociedade, o Brasil tem condições de consolidar uma trajetória que combine competitividade, segurança energética e uma economia de baixo carbono, transformando a transição energética em uma oportunidade real de desenvolvimento. ■

SÃO BRAZ®
produtos de qualidade

É café e muito MAIS

Da energia para o trabalho ao conforto dos momentos em casa. Do fechamento de um grande negócio à conversa com a família e os amigos. Um bom café é a companhia perfeita para todas as horas da sua vida. Aquece suas pausas e embala as conquistas do seu dia.





REFORMA TRIBUTÁRIA, INVESTIMENTO E EQUILÍBRIO FEDERATIVO

Manoel Vitório *- Secretário da Fazenda do Estado da Bahia (SEFAZ)*

Investimento, desenvolvimento regional e equilíbrio federativo são temas de alta relevância que têm permanecido em segundo plano, em meio ao debate sobre os impactos da reforma tributária. A atenção ainda escassa para esses tópicos é compreensível, tendo em vista o maior apelo de desafios mais urgentes como o de se implantar em nosso país, finalmente, um imposto sobre valor agregado, de caráter dual no caso brasileiro. Há muito a ser feito para que tudo transcorra da melhor forma possível, por exemplo, no cumprimento da tarefa de se conciliar os interesses de 27 estados e 5.569 municípios ao longo do processo de ativação do IBS - Imposto sobre Bens e Serviços, para o qual irão gradualmente confluir o ICMS e o ISS.

É fato que o fim da guerra fiscal entre os entes da federação foi elencado no rol dos efeitos positivos da reforma, e esta perspectiva ajudou a justificar as mudanças propostas na fase de aprovação da Emenda Constitucional 132/23. Mas pouco se falou e se tem falado sobre as profundas implicações práticas e possivelmente econômicas deste aspecto da nova legislação tributária. A concessão de benefícios fiscais e outros atrativos constituiu originalmente, afinal de contas, um instrumento a que recorreram estados e municípios na tentativa de superação de desigualdades regionais seculares. A disseminação da política de benefícios por todo o país acabou por atenuar o esperado efeito de equalização de oportunidades de crescimento entre regiões mais e menos favorecidas, mas, mesmo insuficiente, a estratégia não deixou de ser um recurso à disposição, em um contexto de alta competitividade na busca pela atração de investimentos privados.

> *"O contexto histórico é o da ausência de uma política nacional de desenvolvimento regional."*

Vale aqui um breve resgate das circunstâncias em que se deram os movimentos da chamada guerra fiscal. O contexto histórico é o da ausência de uma política nacional de desenvolvimento regional, lacuna que acabou por limitar o alcance de iniciativas meritórias, mas isoladas, como a criação de entidades como a Sudene, no Nordeste, e a Sudam, na região amazônica. Em meio à ampliação do fosso entre as regiões mais ricas e mais pobres, as experiências iniciais de concessão de benefícios fiscais para atrair indústrias e outros empreendimentos privados partiram principalmente destas últimas, nos anos 60 do século passado. A prática se intensificou com o fim da


Divulgação - BYD

> *"Se observarmos como ficou definido o rateio do Fundo, veremos que, com ele, o Brasil não passa a contar propriamente com uma política dedicada à redução das desigualdades regionais."*

ditadura militar, duas décadas depois. Dotados de maior autonomia a partir da Constituição Federal de 1988, e animados por um clima de retomada do investimento privado, sobretudo após o controle da inflação, os estados passaram a conceder cada vez mais incentivos com base na existência do imposto cobrado na origem.

A Bahia foi protagonista em pelo menos dois episódios marcantes deste período, ao implantar o seu pólo automotivo e atrair, em momentos distintos, primeiro a fábrica da Ford, e depois a da BYD. A despeito das críticas às práticas consideradas "não cooperativas", a ponto de se ter recorrido a uma metáfora bélica para nomear o fenômeno, a guerra fiscal acabou sendo amplamente adotada em todo o país, o que levou a seu gradativo esgotamento, com crescente judicialização. A solução dos impasses coube ao Supremo Tribunal Federal (STF), que arbitrou a convalidação dos benefícios já concedidos para dar um ponto final às disputas.

Sob o ângulo do combate às desigualdades regionais, o balanço da guerra fiscal não pode ser considerado bem sucedido. Os estados mais pobres só obtiveram alguma vantagem competitiva num primeiro momento, antes que os mais ricos se engajassem nela e acabassem por virar o jogo, como evidenciam os números levantados pela Fenafisco: enquanto os governos estaduais do Sul, Sudeste e Centro-Oeste somaram R$ 221 bilhões em renúncia fiscal em 2025, o equivalente a 83% do total, os do Norte e Nordeste participaram com apenas 17%, com R$ 46 bilhões. O resultado é que seguimos convivendo com a perpetuação da realidade de dois países distintos: aquele das regiões mais favorecidas supera o outro em tópicos como renda mensal média domiciliar per capita e PIB per capita, e também apresenta números mais baixos de pessoas na extrema pobreza, entre outros índices.

Diante de um quadro assim, a conclusão é que muito ainda precisa ser feito para que um dia se possa virar em definitivo a página do desequilíbrio federativo brasileiro. A almejada transformação passará necessariamente pela melhoria concreta dos indicadores sociais e econômicos dos estados do Nordeste e do Norte. O texto da reforma tributária buscou dar uma resposta ao problema, mas apresenta, como veremos, contradições e desafios importantes a serem enfrentados.

A transição para o cenário pós-guerra fiscal, de acordo com a reforma, inclui dois mecanismos distintos. O mais imediato busca compensar as empresas titulares de benefícios onerosos e por prazo certo, concedidos até 31 de maio de 2023. De acordo com o previsto, o Fundo de Compensação de Benefícios Fiscais (FCBF), criado com esta finalidade, deverá compensar, de 2029 a 2032, a redução do nível de benefícios do ICMS por conta de sua substituição pelo IBS. Para suprir a lacuna aberta pela saída de cena dos benefícios fiscais, foi criado o Fundo Nacional de Desenvolvimento Regional (FNDR). O Fundo, de acordo com a EC 132, deverá envolver a transferência pela União, para as unidades federativas, de recursos que somarão R$ 8 bilhões no primeiro ano de vigência, 2029, com crescimento gradual até que se alcance um teto de R$ 60 bilhões anuais a partir de 2043, em valores corrigidos pela inflação.

Se observarmos como ficou definido o rateio do Fundo, veremos que, com ele, o Brasil não passa a contar propriamente com uma política dedicada à redução das desigualdades regionais, o que é evidenciado por um dado que fala por si: se a cota de 8,2% reservada à Bahia, um estado nordestino, é a mais elevada do país, os mesmos critérios adotados acabaram conferindo a São Paulo e Minas Gerais, dois representantes do rico Sudeste, o segundo e o terceiro maiores percentuais. É razoável considerar, por outro lado, que com as cifras pre-



vistas o FNDR poderá contribuir para o crescimento econômico de estados que souberem aproveitar bem os seus recursos.

Não faltaram lutas e negociações durante a gênese do Fundo para se buscar a equidade em suas regras. Após defender os interesses do povo baiano nesta fase, por outro lado, a equipe do Estado da Bahia entende que ainda há muito a ser feito para que o FNDR seja efetivamente implementado como previsto, tenha seus recursos aplicados da melhor forma possível e possa afinal contribuir, de alguma forma, para a construção de um país menos desigual. Há uma série de condições a serem cumpridas. A primeira delas é o efetivo cumprimento, a cargo do governo federal, dos aportes do Fundo nas dimensões previstas. Tão importante quanto esta premissa, por outro lado, é o trabalho a ser empreendido por cada estado para traduzir a aplicação dos recursos em avanços estruturais que por sua vez possam fazer a diferença na atração e na retenção de empreendimentos privados.



O mapa do que precisa ser feito está desenhado, em parte, na própria descrição do mecanismo pelo texto da Emenda Constitucional, segundo a qual os recursos do Fundo devem ser destinados a três finalidades. A primeira é a realização de estudos, projetos e obras de infraestrutura. A segunda é o fomento a atividades produtivas com elevado potencial de geração de emprego e renda, incluindo a concessão de subvenções econômicas e financeiras. A terceira finalidade prevista, por fim, é a promoção de ações com vistas ao desenvolvimento científico e tecnológico e à inovação.

Caberão à Bahia, de acordo com o rateio do FNDR, R$ 650 milhões em 2029, que alcançarão R$ 4,9 bilhões anuais a partir de 2043. Já estamos nos preparando para a gestão desses recursos, e buscando ouvir os representantes do setor produtivo na concepção de um plano de desenvolvimento especificamente voltado

para o novo cenário. A ideia é que este processo leve em conta o ambiente de um estado que toma a dianteira no país no que toca à tendência global rumo à descarbonização da economia, mas precisa melhorar indicadores socioeconômicos e resolver alguns gargalos estruturais. E explorar potenciais como a ampla disponibilidade de energias limpas e biocombustíveis, a agroindústria em expansão e as oportunidades de desenvolvimento tecnológico acenadas por iniciativas como o Cimatec.

Nosso histórico recente demonstra que estamos aptos a fazer da Bahia um ator bem sucedido no novo cenário. A despeito de ter a maior parte do seu território no semi-árido e uma população majoritariamente pobre, a Bahia tem ocupado a segunda posição no país em volume de investimentos públicos desde 2015, atrás apenas de São Paulo. Foram R$ 24,04 bilhões na atual gestão, do governador Jerônimo Rodrigues, e ao todo R$ 50 bilhões na última década, com a maior parte dos desembolsos provenientes de recursos próprios. O modelo de priorização do investimento público como alavanca para atrair os empreendedores privados já é parte do nosso DNA, e a opção da BYD por se instalar em Camaçari demonstra o acerto desta estratégia.

A Bahia, que já tinha na infraestrutura e na melhoria dos serviços em saúde, educação e segurança os destaques de sua pauta, devem redobrar a atenção a estas áreas daqui em diante. O caminho, para nós e os demais estados nordestinos e nortistas, é nos apropriarmos da melhor maneira possível deste novo modelo de apoio ao investimento propiciado pela reforma. E buscarmos fazer o que estiver ao nosso alcance para a conquista do equilíbrio federativo que constitui, afinal, condição imprescindível rumo a um avanço efetivo, e sustentável, na própria trajetória de desenvolvimento do nosso país em seu conjunto. ■

> *"O modelo de priorização do investimento público como alavanca para atrair os empreendedores privados já é parte do nosso DNA."*

Visão global.
Ação local.
Impacto real.

Tecon Salvador.
Referência em terminais sustentáveis no Brasil.

A **Wilson Sons** pensa no futuro do planeta com ações no presente. A **descarbonização por meio da eletrificação de equipamentos** é apenas um exemplo de como combater as mudanças climáticas e diminuir os seus impactos na vida de todos. **É sustentabilidade e inovação, juntas, por um mundo melhor.**

Redução real de 755Ton de CO2 emitidas por ano.

Melhoria da qualidade do ar.

Redução de impactos ambientais locais.



Wilson, Sons Juntos transformamos realidades.

MADE IN BAHIA

Acesse
www.wilsonsons.com.br


Divulgação - BYD

BAHIA COMO HUB DA NOVA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA BRASILEIRA

Alexandre Baldy *- Vice-Presidente Sênior da BYD Brasil e Head Comercial e de Marketing da BYD Auto*

Em um momento decisivo para a reconfiguração da indústria automotiva mundial, a Bahia desponta como protagonista de uma transformação que une inovação tecnológica, sustentabilidade e inserção estratégica nas cadeias globais de valor. A instalação e ampliação do complexo industrial da BYD em Camaçari simbolizam não apenas um novo ciclo de investimentos, mas a consolidação de um modelo industrial alinhado às demandas da nova economia verde.

Nesta entrevista exclusiva à Revista Bahia Econômica, Alexandre Baldy, Vice-Presidente Sênior da BYD Brasil e Head Comercial e de Marketing da BYD Auto, apresenta uma visão abrangente sobre o papel do estado nesse novo cenário global.

Ao longo da conversa, Baldy detalha os avanços do projeto, os impactos estruturais na cadeia produtiva, a geração de empregos qualificados e o fortalecimento da integração entre Brasil e China.

Mais do que um empreendimento industrial, o complexo de Camaçari emerge como um vetor de transformação econômica e social, posicionando a Bahia como um dos principais polos da mobilidade elétrica na América Latina. Trata-se de uma iniciativa que conecta o presente às oportunidades do futuro, reafirmando o protagonismo do estado na construção de uma economia mais inovadora, competitiva e sustentável.

A instalação e ampliação do complexo industrial da BYD em Camaçari representam um marco para a Bahia. Como o senhor enxerga o papel do complexo da BYD em Camaçari na consolidação do estado como hub global da nova indústria automotiva elétrica?

> *"É uma mudança estrutural, com impacto de longo prazo para a competitividade do Brasil."*


Divulgação - BYD

"É assim que um investimento industrial se transforma em legado estrutural e duradouro."

Nós vemos o complexo de Camaçari como um divisor de águas não só para a Bahia, mas para o próprio posicionamento do Brasil dentro da nova indústria automotiva global. A eletrificação deixou de ser uma tendência e passou a redefinir a lógica do setor, e a BYD tem sido protagonista desse movimento em escala global.

Mas o ponto central vai além de volume ou produção. A BYD construiu, ao longo dos últimos anos, um modelo altamente integrado, que envolve baterias, como a Blade, hoje referência mundial em segurança, até sistemas completos de software e soluções energéticas. Ao trazer esse ecossistema para Camaçari, estamos conectando a Bahia diretamente ao centro dessa transformação.

Na prática, isso reposiciona o estado dentro da indústria automotiva. Ele deixa de ser apenas um polo produtivo tradicional e passa a integrar uma cadeia global orientada por tecnologia, eficiência energética e inovação. É uma mudança estrutural, com impacto de longo prazo para a competitividade do Brasil.

Quais são os próximos passos da ampliação do complexo industrial da BYD na Bahia e que tipos de investimentos estruturantes estão previstos para fortalecer a cadeia produtiva local?

O projeto de Camaçari segue o mesmo princípio que sustentou o crescimento global da BYD, com a construção de um ecossistema industrial completo. Neste momento, nosso foco está na consolidação da produção e no avanço da nacionalização.

Estamos evoluindo de forma consistente na ampliação das operações, com expansão de turnos, aumento da capacidade produtiva e avanço nas etapas industriais, como estamparia, soldagem e pintura. Esse movimento é fundamental para evoluirmos de um modelo inicial para uma produção cada vez mais completa no país. Já iniciamos o segundo turno, com planos de chegar ao terceiro turno ainda este ano, ou seja, uma operação 24 horas.

Ao mesmo tempo, há uma visão clara de longo prazo: transformar a Bahia em um hub estratégico também para exportação. A demanda de mercados da América Latina, como Argentina e México, reforça esse potencial e orienta a estruturação do complexo para atender não apenas o Brasil, mas a região como um todo.

A reindustrialização verde é um dos grandes temas da nova ordem econômica mundial. De que forma o projeto da BYD em Camaçari se insere nesse movimento de transição energética e industrial sustentável?

A reindustrialização verde é um tema central na agenda global, mas ainda são poucos os casos em que ela acontece de forma concreta e em escala. A BYD é um dos exemplos deste movimento porque integra mobilidade elétrica, baterias, armazenamento de energia e infraestrutura de recarga em um único modelo tecnológico. Em 2025, a BYD consolidou a sua posição de liderança global em veículos de nova energia, entre elétricos e híbridos plug-in, mostrando que essa transformação já se materializou do ponto de vista industrial.

Esse diferencial muda a lógica do setor. O desafio vai além da produção de veículos com menor emissão. O que estamos construindo é um ecossistema completo, capaz de transformar a transição energética em realidade concreta no Brasil.

Em Camaçari, o projeto reflete exatamente essa visão. Estamos implementando um novo padrão de produção, mais eficiente, mais tecnológico e alinhado às demandas da nova economia. E isso acontece em um momento em que o consumidor brasileiro começa a compreender e valorizar essa mudança, como mostram os avanços consistentes nas vendas.

A presença da BYD tem estimulado a formação de uma nova cadeia produtiva automotiva no estado. Como a empresa está trabalhando para atrair fornecedores, desenvolver parceiros locais e fortalecer o ecossistema industrial baiano?

A cadeia produtiva é onde esse projeto realmente ganha escala e, principalmente, legado. A BYD não cresce de forma isolada, cresce estruturando um ecossistema ao seu redor. Foi esse modelo que sustentou sua consolidação como líder global em eletrificação.

Na Bahia, estamos trabalhando de forma muito ativa para atrair fornecedores estratégicos, já conectados à cadeia global da companhia e, ao mesmo tempo, desenvolver parceiros locais, com transferência de tecnologia, capacitação e integração produtiva. É um movimento que eleva o nível tecnológico e competitivo da base industrial da região.

Quando você estrutura essa cadeia, o impacto vai muito além da fábrica. À medida que essa rede se fortalece, há geração de empregos qualificados, desenvolvimento tecnológico local, ganhos para a economia e aumento da competitividade. É assim que um investimento industrial se transforma em legado estrutural e duradouro.

O crescimento das vendas da BYD na Bahia e no Brasil tem sido expressivo. Quais fatores explicam esse avanço e como o senhor avalia o comportamento do consumidor brasileiro em relação aos veículos elétricos e híbridos?


Divulgação - BYD

"É um dos estados com maior protagonismo em energia solar no país."

O crescimento da BYD no Brasil não é um fenômeno isolado. Ele reflete uma mudança profunda no comportamento do consumidor e uma transformação real do mercado automotivo. Saímos de 260 veículos vendidos em 2022 para mais de 112 mil unidades em 2025, com crescimento de quase 50% apenas no último ano. E esse ritmo segue acelerado: no primeiro trimestre de 2026, a BYD já registra crescimento de 73% em relação ao mesmo período do ano passado.

Esse avanço mostra que o consumidor brasileiro está cada vez mais aberto a novas tecnologias, desde que elas venham acompanhadas de inovação, eficiência, design, economia e uma proposta de valor clara. O carro eletrificado deixou de ser visto como uma aposta de futuro e passou a ser uma escolha concreta no presente.

Um sinal muito claro disso é o desempenho do BYD Dolphin Mini, que foi o veículo mais vendido no varejo brasileiro em fevereiro e março. Isso é bastante simbólico porque mostra que um modelo eletrificado já consegue disputar, e liderar, no centro do mercado, superando veículos tradicionais. Modelos como o BYD Dolphin Mini, o BYD Song Plus e o BYD Yuan Plus ajudam a explicar esse movimento. Eles combinam tecnologia, eficiência, conforto e custo-benefício, que são exatamente atributos cada vez mais valorizados pelo consumidor brasileiro.

A Bahia pode se tornar também um dos principais mercados consumidores de veículos eletrificados do Nordeste. Há estratégias específicas da BYD para expandir sua presença comercial no estado?

A Bahia tem um papel estratégico duplo para a BYD. É um polo produtivo e, ao mesmo tempo, um mercado com grande potencial de crescimento. Essa combinação cria um ciclo positivo, em que produção e consumo se reforçam mutuamente.

Estamos expandindo de forma consistente nossa rede e investindo na experiência do cliente. A eletrificação ainda passa por uma etapa de conhecimento, então aproximar o consumidor da tecnologia e dar acesso à informação é fundamental para acelerar essa adoção.

Além disso, a Bahia reúne condições muito favoráveis para esse avanço. É um dos estados com maior protagonismo em energia solar no país, o que abre uma oportunidade concreta para integrar mobilidade elétrica e geração própria de energia. Quando o consu-

midor percebe essa equação de forma mais ampla, a atratividade da tecnologia cresce ainda mais.

Com esse conjunto de fatores, a tendência é que a Bahia acompanhe de forma acelerada o avanço da eletrificação no país e se consolide como um dos mercados mais relevantes do Nordeste.

A ampliação da produção local tende a impactar preços, competitividade e oferta de modelos. Como a produção em Camaçari poderá influenciar o crescimento das vendas da BYD no Brasil nos próximos anos?

A produção local em Camaçari será fundamental para dar sustentação ao crescimento da BYD no Brasil. Produzir no país amplia eficiência, fortalece a cadeia, melhora a competitividade e cria condições para expandir a operação com mais consistência.

Quando você nacionaliza produção, ganha eficiência logística, reduz custos e amplia acesso. Isso permite escalar a operação de forma mais consistente, aumentando a competitividade e ampliando o alcance da marca. É o mesmo modelo que sustentou a expansão global da BYD e que agora se consolida no Brasil.

A geração de empregos qualificados é um dos principais legados esperados do novo ciclo industrial. Quantos postos de trabalho diretos e indiretos o complexo deve gerar e quais iniciativas estão sendo adotadas para capacitação técnica e desenvolvimento tecnológico na região?

O impacto em empregos é relevante, mas o ponto central é a qualidade dessas oportunidades. Estamos falando de uma indústria intensiva em tecnologia, que exige formação técnica e desenvolvimento contínuo. A BYD tem estruturado esse processo por meio de programas de capacitação profissional e parcerias com instituições de ensino, como o Senai.

Um exemplo concreto é a iniciativa de levar profissionais baianos para a China, onde participam de imersões técnicas e treinamentos avançados, ampliando o nível de qualificação local.

Com isso, o objetivo vai além da geração de postos de trabalho. Trata-se de preparar a região para uma nova realidade industrial, mais tecnológica, competitiva e alinhada às demandas da nova economia.

Esse é um dos legados mais relevantes do projeto: ajudar a estruturar uma base técnica mais preparada para sustentar a nova indústria no longo prazo. Considerando toda a operação, nossa expectativa é de atingir 20 mil postos de trabalho diretos e indiretos.

Em termos de inovação e posicionamento de marca, como a BYD pretende consolidar-se como referência em tecnologia, sustentabilidade e mobilidade inteligente no mercado brasileiro?

A BYD se consolidou globalmente por sua capacidade de integrar tecnologia. A empresa desenvolve internamente baterias, sistemas de propulsão, soluções energéticas e componentes eletrônicos. Essa verticalização garante autonomia tecnológica e capacidade de inovação.

O modelo adotado se reflete diretamente no produto e na experiência do consumidor. Tecnologias como a bateria Blade, plataformas como a DM-i e DM-p e agora o avanço em carregamento ultrarrápido mostram a capacidade da empresa de evoluir rapidamente.

No Brasil, esse posicionamento já é visível e tende a se aprofundar com o avanço da produção local e a expansão da presença da marca. Recentemente, por exemplo, anunciamos o patrocínio ao Esporte Clube Bahia, movimento que reforça nossa estratégia de ampliar o awareness de forma relevante e conectar a marca a diferentes públicos em todo o país.

A integração Brasil–China ganha novos contornos com investimentos industriais de grande porte. Como o senhor avalia o papel da BYD no fortalecimento das relações econômicas entre os dois países dentro da nova ordem mundial?

Vejo a presença da BYD no Brasil dentro de um contexto mais amplo de inte-


Divulgação - BYD

"Nossa expectativa é de atingir 20 mil postos de trabalho diretos e indiretos."

gração econômica. É um investimento produtivo, com transferência de tecnologia e desenvolvimento industrial.

China e Brasil reúnem características complementares, e a BYD ajuda a transformar essa convergência em desenvolvimento concreto. Ao trazer produção, tecnologia e capacidade industrial para o país, contribuímos para ampliar a competitividade do Brasil nas cadeias globais da mobilidade sustentável. Trata-se de um movimento com efeitos estruturais sobre o setor, que também reforça a crescente colaboração entre os dois países.

A expansão do mercado de veículos elétricos depende também de infraestrutura, como rede de recarga e políticas públicas de incentivo. Quais são os principais desafios e oportunidades nesse campo para acelerar a adoção dos elétricos na Bahia e no Brasil?


Divulgação - BYD

Temos olhado com cuidado para a infraestrutura de recarga, e vemos clara evolução. Hoje, a BYD possui a maior rede de recarga pública do Brasil, o que ajuda a dar mais segurança ao consumidor.

Além disso, soluções mais avançadas de recarga estão tornando a experiência cada vez mais prática e próxima do que o consumidor já conhece. Em 2026, por exemplo, teremos a introdução de carregadores ultrarrápidos com tecnologia Flash, capazes de reduzir significativamente o tempo de recarga. Também anunciamos recentemente que instalaremos 1000 carregadores deste tipo, com presença em todos os estados brasileiros. Esse tipo de avanço, combinado ao amadurecimento do mercado, tende a reduzir barreiras de entrada e acelerar a adoção da eletrificação no país.

Considerando o cenário global de transição energética, qual é a visão da BYD para a Bahia dentro da nova economia sustentável e quais vantagens competitivas o estado oferece para se destacar internacionalmente?

A Bahia reúne condições muito competitivas dentro da nova economia sustentável. Fatores como energia mais limpa, localização estratégica e capacidade logística ganham ainda mais relevância nesse contexto.

Quando você combina isso com um projeto industrial dessa escala, esses elementos colocam o estado em uma posição diferenciada. A Bahia passa a reunir condições concretas para se consolidar como um hub relevante da nova indústria na América Latina.

Por fim, olhando para os próximos anos, qual legado social, econômico e tecnológico a BYD pretende deixar para a Bahia, especialmente a partir da consolidação e ampliação do complexo de Camaçari e do crescimento contínuo das vendas no estado e no país?

O legado da BYD na Bahia vai muito além da fábrica. Estamos falando de uma transformação estrutural que passa, acima de tudo, pelas pessoas. Existe um entendimento claro do nosso papel em gerar oportunidades, desenvolver talentos locais e contribuir ativamente com a comunidade em que estamos inseridos.

> *"O legado da BYD na Bahia vai muito além da fábrica."*

Esse compromisso se materializa na formação de profissionais, na capacitação técnica e na criação de uma nova geração preparada para uma indústria mais tecnológica e exigente. Ao investir em educação, treinamento e transferência de conhecimento, a BYD ajuda a construir uma base sólida para o futuro da região.

Ao mesmo tempo, esse movimento está conectado a uma transformação mais ampla, que envolve desenvolvimento tecnológico, inserção em uma cadeia global em evolução e fortalecimento da economia local. Trata-se de um projeto que combina impacto social e avanço industrial.

Esse projeto está diretamente alinhado à transição energética, uma das principais agendas globais, o que amplia ainda mais o seu alcance. Com isso, a Bahia e o Brasil passam a ocupar uma posição mais relevante e competitiva no cenário internacional no longo prazo. ■

Statkraft

O amanhã depende da energia que escolhemos gerar hoje

Nova geração de usinas híbridas no Brasil, combinando energia eólica, solar e armazenamento em baterias.

É investimento, escala e tecnologia acelerando a descarbonização que o planeta precisa.





VISÃO DE FUTURO: O PAPEL DO LEGISLATIVO DE SALVADOR NA NOVA ORDEM GLOBAL

Carlos Muniz - *Presidente da Câmara Municipal de Salvador*

Vivemos um tempo em que o mundo passa por transformações profundas, rápidas e, muitas vezes, imprevisíveis. Nesse cenário, eu tenho convicção de que as cidades assumem um papel cada vez mais decisivo. E é exatamente aí que Salvador se insere: como uma capital com história, força cultural e potencial econômico para dialogar com essa nova ordem global.

Como presidente da Câmara Municipal, tenho defendido de forma clara: fortalecer o Legislativo municipal é fortalecer a democracia. E não se trata de uma frase de efeito. Trata-se de reconhecer que é no município que a vida acontece de verdade. É aqui que o cidadão mora, trabalha, enfrenta desafios e constrói suas expectativas. Por isso, o nosso papel precisa ir além da função tradicional de legislar e fiscalizar. Precisamos ser protagonistas na construção de soluções.

Acredito que o futuro passa por uma maior aproximação entre o poder público e a população. Tenho buscado incentivar mecanismos de participação popular, ampliar os canais de diálogo e garantir que a Câmara seja, de fato, a Casa do Povo, aberta, acessível e conectada com a realidade das pessoas. Em um mundo onde a informação circula em tempo real, não há mais espaço para instituições distantes ou fechadas em si mesmas.

Também temos avançado no processo de modernização do Legislativo. A tecnologia não é mais uma opção, é uma necessidade. Digitalizar processos, dar transparência às ações e melhorar a comunicação institucional são passos fundamentais para acompanhar as exigências de uma sociedade mais informada e mais participativa.

> *"Fortalecer o Legislativo municipal é fortalecer a democracia."*





"Eu acredito em Salvador. Acredito na sua capacidade de se reinventar e de ocupar um espaço relevante nesse novo cenário mundial."

No campo econômico, compreendo que o papel do Legislativo é criar um ambiente de segurança e previsibilidade. Salvador precisa estar preparada para atrair investimentos, gerar oportunidades e estimular o desenvolvimento. Isso passa diretamente por leis bem construídas, por um diálogo permanente com os setores produtivos e por uma atuação responsável na fiscalização das políticas públicas.

Mas faço aqui uma reflexão importante: não basta fazer, é preciso que a população perceba. Um dos nossos maiores desafios é reduzir a distância entre o que é produzido dentro da Câmara e o impacto real na vida das pessoas. Precisamos comunicar melhor, traduzir nossas ações e mostrar, com clareza, como o trabalho legislativo contribui para melhorar a cidade.

Eu acredito em Salvador. Acredito na sua capacidade de se reinventar e de ocupar um espaço relevante nesse novo cenário mundial. E tenho plena consciência de que o Legislativo municipal tem um papel central nessa construção.

Quando defendo o fortalecimento da Câmara, estou defendendo uma cidade mais democrática, mais transparente e mais preparada para o futuro. Porque, no final das contas, é aqui, no município, que a transformação começa. ■



BAHIA E O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DIANTE DA NOVA ORDEM GLOBAL

Cláudio Peixoto *- Secretário do Planejamento do Estado da Bahia (SEPLAN)*

Em um cenário internacional marcado por profundas transformações nas cadeias produtivas, pela aceleração da agenda sustentável e pelo protagonismo crescente da inovação, os estados que conseguem alinhar planejamento de longo prazo, competitividade econômica e inclusão social ganham destaque. Nesta entrevista exclusiva à *Revista Bahia Econômica*, o Secretário de Planejamento do Estado da Bahia, Cláudio Peixoto, analisa o posicionamento estratégico do estado nesse novo contexto global e detalha como o Plano de Desenvolvimento Integrado Bahia 2050 vem estruturando uma visão de futuro baseada em sustentabilidade, inovação e desenvolvimento territorial equilibrado. Ao longo da conversa, o secretário também destaca os avanços institucionais da Seplan, o fortalecimento da cultura de monitoramento e avaliação e o papel do planejamento como instrumento central para promover crescimento com coesão social nas próximas décadas.

Secretário, diante do atual redesenho da ordem mundial, marcado por transformações nas cadeias produtivas, avanço da agenda sustentável e crescente protagonismo da inovação, como o senhor avalia o posicionamento estratégico da Bahia nesse cenário global? Quais são, na sua visão, os principais diferenciais competitivos do estado nesse contexto? E de que maneira o PDI Bahia 2050 se estrutura para dialogar com essas tendências, incorporando temas como sustentabilidade, inovação e as novas dinâmicas do comércio e da produção internacional?

> *"A Bahia pode se afirmar como um estado capaz de crescer sem perder de vista a sustentabilidade, a diversidade e a coesão social."*



"O PDI Bahia 2050 é um instrumento de gestão, que conecta visão de futuro, participação social e capacidade de execução."

A Bahia tem condições muito concretas de ocupar uma posição estratégica nessa nova ordem mundial, que combina transição energética, reconfiguração das cadeias produtivas, valorização de ativos ambientais e busca por territórios mais competitivos e socialmente estáveis. O nosso diferencial é justamente a capacidade de reunir, em um mesmo estado, escala territorial, diversidade econômica, riqueza ambiental, base cultural muito forte e uma tradição institucional de planejamento.

Nós temos uma localização privilegiada, infraestrutura em expansão, potencial logístico relevante, capacidade de geração de energia renovável, vocação agroindustrial, força no turismo e na economia da cultura, além de universidades e centros de pesquisa distribuídos pelo território. Ao mesmo tempo, a Bahia tem um ativo talvez ainda mais importante: a experiência de pensar o desenvolvimento a partir das identidades territoriais, buscando conciliar competitividade com inclusão social.

Em um mundo cada vez mais instável, a Bahia pode se afirmar como um estado capaz de crescer sem perder de vista a sustentabilidade, a diversidade e a coesão social. Esse é um diferencial de longo prazo e não apenas de conjuntura.

Nesse contexto, o PDI dialoga diretamente com essas tendências, pois parte do reconhecimento de que o desenvolvimento hoje depende de adaptação tecnológica, transição ecológica e reposicionamento produtivo. O plano incorpora temas como inovação, transição socioambiental e energética, conservação ambiental, segurança hídrica e qualificação profissional voltada para o mundo do trabalho em transformação.

Em outras palavras, o PDI busca preparar a Bahia para competir melhor, agregar valor, atrair investimentos e gerar trabalho decente, sem reproduzir modelos extrativistas e concentradores.

O planejamento de longo prazo tem sido uma marca da atual gestão. Qual a importância do Plano de Desenvolvimento Integrado Bahia 2050 na construção de uma visão estratégica para o estado?

O PDI Bahia 2050 é fundamental porque organiza uma visão de futuro para o estado, acima do calendário eleitoral e das urgências do presente. Ele consolida o planejamento como uma política de Estado, orientando decisões estratégicas e promovendo maior continuidade das ações governamentais.

Um dos grandes diferenciais desse processo foi a sua construção amplamente participativa. Só na etapa de consulta pública digital para a definição da visão de futuro, tivemos a contribuição de mais de 50 mil pessoas, em todos os 417 municípios baianos. Esse engajamento demonstra que o planejamento de longo prazo precisa dialogar com a sociedade e incorporar seus anseios.

Esse processo foi aprofundado com os seminários macroterritoriais, que reuniram representantes da sociedade civil, da academia, do setor produtivo e dos governos locais, qualificando o debate e ajudando a alinhar estratégias às diferentes realidades do estado.

Do ponto de vista técnico, o PDI está estruturado de forma completa, com definição de objetivos estratégicos, desdobrados em estratégias, indicadores e metas, o que permite não apenas projetar o futuro, mas acompanhar sua execução ao longo do tempo. Essa arquitetura é essencial para garantir coerência entre planejamento, monitoramento e avaliação.

Além disso, o plano avança na organização de uma carteira de projetos estratégicos, que traduz essa visão de longo prazo em iniciativas concretas, com capacidade de mobilizar investimentos públicos e privados e gerar impactos reais no desenvolvimento do estado.

Ou seja, mais do que um documento

orientador, o PDI Bahia 2050 é um instrumento de gestão, que conecta visão de futuro, participação social e capacidade de execução, que são elementos indispensáveis para pensar o desenvolvimento da Bahia nas próximas décadas.

A atualização dos 27 Planos Territoriais de Desenvolvimento Sustentável e Solidário (PTDS) representa um avanço importante. Como esses planos contribuem para a interiorização do desenvolvimento e a redução das desigualdades regionais?

Os PTDS têm um papel decisivo já que traduzem a estratégia estadual para a realidade concreta dos 27 territórios de identidade. Eles ajudam a interiorizar o desenvolvimento justamente porque partem das potencialidades, dos problemas e das vocações de cada território, em vez de aplicar soluções padronizadas para realidades muito diferentes.

A própria metodologia da requalificação reforça esse caráter participativo e territorializado. Houve 27 oficinas, cerca de 1.500 participantes de diversos segmentos, mobilização dos GTTs – Grupos de Trabalho Temáticos e produção de quadros analítico-propositivos em 13 áreas de políticas públicas.

Quando se trabalha dessa forma, o planejamento deixa de ser apenas centralizado e passa a incorporar ativos locais, gargalos regionais e oportunidades específicas. Isso é essencial para reduzir desigualdades, fortalecer economias do interior e levar mais equilíbrio à ocupação produtiva do estado.

Como o senhor avalia a importância da territorialização do planejamento para garantir que o crescimento econômico seja mais equilibrado e inclusivo em toda a Bahia?

A territorialização é uma escolha estratégica da Bahia há muitos anos e continua sendo extremamente atual. Um estado com a dimensão e a diversidade da Bahia não pode ser planejado a partir de uma lógica única. O desenvolvimento precisa considerar as diferentes dinâmicas sociais, econômicas, ambientais e culturais de cada território.

Os próprios seminários do PDI evidenciaram isso. Enquanto territórios do semiárido priorizaram segurança hídrica e estímulo às agroindústrias, territórios litorâneos destacaram a logística, bioeconomia e turismo. O relatório também aponta que cada território apresenta especificidades e ativos locais distintos, o que confirma que a matriz de desenvolvimento deve ser ajustada às identidades locais.

Territorializar, portanto, é tornar o planejamento mais justo, mais eficiente e mais aderente à vida real. É o antídoto contra aquela velha tentação de achar que o mesmo remédio serve para todos os pacientes.

A Secretaria do Planejamento tem avançado na implantação de um Sistema de Avaliação de Políticas Públicas. Qual é o objetivo dessa iniciativa e como ela pode impactar a eficiência da gestão pública?

O objetivo central é fortalecer uma cultura de decisão baseada em evidências. O Sistema de Avaliação de Políticas Públicas nasce para qualificar o planejamento, o monitoramento e a revisão das ações governamentais, permitindo compreender melhor o que funciona, onde estão os gargalos e como aprimorar a entrega de bens e serviços à população.

Na prática, isso amplia a capacidade do Estado de avaliar resultados, aperfeiçoar programas, corrigir rotas e dar mais racionalidade ao uso dos recursos públicos. É uma mudança importante porque desloca a gestão de uma lógica puramente procedimental para uma lógica orientada a resultados e impacto.

Além disso, esse esforço conversa diretamente com o PPA, com o PDI Bahia 2050 e com a necessidade de fortalecer a capacidade estatal. Avaliar bem não é punir política pública; é dar a ela a chance de melhorar continuamente.

> *"Avaliar bem não é punir política pública; é dar a ela a chance de melhorar continuamente."*





"Não se trata apenas de formular boas ideias, mas de criar condições para que elas dialoguem com o orçamento."

De que maneira a cultura de monitoramento e avaliação pode contribuir para melhores resultados na aplicação dos recursos públicos e na entrega de políticas à sociedade?

Ela contribui de forma decisiva porque permite acompanhar a execução, medir desempenho, verificar aderência aos objetivos e identificar com mais precisão onde a política pública está gerando resultado e onde precisa de correção. Isso melhora a qualidade do gasto e aumenta a efetividade da ação governamental.

Quando o Estado monitora e avalia com método, ele reduz improviso, evita dispersão de recursos e fortalece a articulação entre planejamento, orçamento e execução. Também ganha mais capacidade de priorizar investimentos e de responder às demandas da sociedade com mais consistência.

No fundo, monitorar e avaliar é dar consequência ao planejamento. Sem isso, o risco é produzir planos bonitos no papel e resultados tímidos na prática.

Em 2026, a Seplan completa 55 anos. Qual o significado desse marco institucional e como a secretaria evoluiu ao longo desse período para atender às novas demandas do estado?

Completar 55 anos é um marco que reafirma o papel histórico da Seplan na organização do desenvolvimento da Bahia. Ao longo desse período, a secretaria evoluiu acompanhando as mudanças do Estado e da sociedade, ampliando sua capacidade de formular estratégias, coordenar instrumentos de planejamento, apoiar a gestão orçamentária e estruturar agendas de longo prazo.

Hoje, a Seplan atua em frentes que refletem as exigências do presente e do futuro: planejamento estratégico e territorialização, monitoramento e avaliação, captação de recursos, gestão orientada por dados e articulação intersetorial. A atualização do PDI Bahia 2050, a requalificação dos PTDS e a implantação do Sistema de Avaliação de Políticas Públicas mostram exatamente essa evolução.

É uma secretaria que preserva sua missão institucional, mas se reinventa para responder a um contexto mais complexo, mais dinâmico e mais exigente.

O senhor construiu sua trajetória na própria secretaria, como especialista em políticas públicas e gestor em diferentes funções. Como essa experiência técnica influencia sua atuação à frente da Seplan?

Influência de forma muito profunda, porque me dá uma compreensão mais concreta tanto dos instrumentos técnicos quanto da cultura institucional da secretaria. Ter construído essa trajetória dentro da Seplan permite conhecer de perto os desafios do planejamento público, a importância da articulação interna e a necessidade de transformar diretrizes estratégicas em entregas efetivas.

Essa experiência também reforça uma convicção: planejamento de qualidade exige escuta, método, continuidade e capacidade de coordenação. Não se trata apenas de formular boas ideias, mas de criar condições para que elas dialoguem com o orçamento, com os territórios, com as áreas setoriais e com a realidade fiscal do Estado.

Em certa medida, essa vivência ajuda a manter um equilíbrio importante entre ambição estratégica e viabilidade institucional.

A captação de recursos é fundamental para viabilizar projetos estruturantes. Como funciona o processo de coordenação das operações de crédito no estado e quais são as prioridades atuais?

A coordenação das operações de crédito exige planejamento, análise técnica, articulação federativa e definição clara de prioridades. A Seplan atua justamente na organização desse portfólio de programas e projetos, em diálogo com as secretarias setoriais, com a área fazendária e com as instâncias de governo responsáveis pela decisão estratégica.

O foco é direcionar os financiamentos para iniciativas estruturantes, com capacidade de ampliar os investimentos e, consequentemente, a competitividade do estado e, ao mesmo tempo, melhorar a qualidade de vida da população. Entre as prioridades, estão projetos ligados à infraestrutura, logística, mobilidade, segurança hídrica, desenvolvimento territorial, educação, segurança pública, saúde e inovação, sempre observando a aderência ao planejamento estadual.

Esse trabalho exige coerência entre projeto, capacidade de execução e impacto esperado. Não basta captar; é preciso captar com propósito e alinhamento estratégico.

Qual o papel da Seplan na articulação entre as secretarias setoriais e o governo estadual na definição dos projetos estratégicos que recebem financiamento?

A Seplan cumpre um papel de coordenação estratégica. Ela ajuda a organizar prioridades, compatibilizar propostas com os instrumentos de planejamento do Estado e avaliar a aderência dos projetos às diretrizes de desenvolvimento da Bahia.

Isso significa atuar como um ponto de convergência entre as demandas setoriais e a visão mais ampla de governo. Muitas vezes, um projeto é importante para uma secretaria, mas o papel da Seplan é verificar também seu alcance territorial, sua sustentabilidade financeira, sua sinergia com outras políticas e seu potencial estruturante.



Gemini.google.com

> *"A execução orçamentária vem sendo orientada para garantir continuidade de políticas públicas."*

Em resumo, a Seplan ajuda a transformar demandas legítimas em carteira estratégica. É onde a pauta setorial encontra a bússola do Estado.

O orçamento público é um dos principais instrumentos de planejamento do Estado. Quais são os destaques da execução do Orçamento de 2026 e como o projeto da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) tem orientado a construção das prioridades e da programação orçamentária para 2027?

O Orçamento de 2026 reafirma a lógica de compatibilizar responsabilidade fiscal com capacidade de investimento e proteção das áreas essenciais. A execução orçamentária vem sendo orientada para garantir continuidade de políticas públicas, apoiar projetos prioritários e fortalecer agendas estruturantes do governo.

Já a LDO cumpre uma função decisiva na preparação de 2027 porque estabelece metas, prioridades e parâmetros para a elaboração do orçamento seguinte. Ela orienta a programação orçamentária dentro de uma visão integrada com o PPA e com as estratégias de médio e longo prazo do Estado.

Ou seja, o orçamento não é apenas uma peça contábil. Ele é uma tradução prática das escolhas do planejamento. Quando bem articulado, deixa claro onde o governo quer chegar e como pretende alocar recursos para isso.

Para finalizar, olhando para o futuro, que legado o senhor acredita que o atual modelo de planejamento deixará para a Bahia nas próximas décadas?

Acredito que o principal legado será a consolidação de uma cultura de planejamento mais integrada, territorializada, participativa e orientada por resultados. Um modelo que combina visão de longo prazo, escuta social, articulação federativa, inteligência territorial e compromisso com a avaliação das políticas públicas.

O PDI Bahia 2050 aponta essa direção ao estruturar objetivos estratégicos para o futuro do estado, enquanto os PTDS atualizam essa visão a partir das realidades concretas dos territórios. O próprio processo de construção desses instrumentos mostra esse esforço de integração entre Estado, municípios, territórios, universidades e outros agentes.

Se conseguirmos consolidar esse modelo, a Bahia deixará não apenas um conjunto de planos, mas uma capacidade institucional mais forte para planejar, executar, monitorar e corrigir rotas. ■

VALORIZAR

A INDÚSTRIA NACIONAL

INDÚSTRIA BRASILEIRA

e ter orgulho do que fazemos é reconhecer o Brasil que ***produz, transforma e avança***.

Saiba mais em portaldaindustria.com.br



A INDÚSTRIA CRIA.
A INDÚSTRIA É MAIS BRASIL.

Sistema INDÚSTRIA
CNI | SESI | SENAI | IEL


Divulgação Ascom FAEB

AGRO BAIANO: SUSTENTABILIDADE, INOVAÇÃO E PROTAGONISMO NA NOVA ORDEM GLOBAL

***Humberto Miranda** – Presidente do Sistema FAEB / SENAR*

Em um cenário internacional marcado pela reconfiguração das cadeias produtivas, pela crescente exigência por sustentabilidade e pela intensificação da competitividade entre mercados, o agronegócio brasileiro reafirma seu papel estratégico no desenvolvimento econômico. Nesse contexto, a Bahia desponta como um dos territórios mais promissores do país, reunindo condições naturais privilegiadas, diversidade produtiva e avanços significativos em tecnologia e gestão.

À frente do Sistema FAEB/SENAR, o presidente Humberto Miranda apresenta uma visão consistente e abrangente sobre os desafios e oportunidades que moldam o futuro do agro baiano. Nesta entrevista exclusiva à *Revista Bahia Econômica*, ele analisa o posicionamento do estado no cenário global, destaca o protagonismo da agropecuária na economia regional e nacional, e aponta os caminhos para consolidar a Bahia como uma potência agroambiental.

Com uma abordagem que integra produtividade, responsabilidade ambiental e desenvolvimento social, Humberto Miranda também enfatiza a importância da qualificação profissional, da inovação tecnológica e dos investimentos em infraestrutura como pilares para a construção de um setor mais competitivo e sustentável. Uma leitura essencial para compreender como o campo baiano se prepara para liderar, com eficiência e responsabilidade, os novos rumos da economia mundial.

O mundo vive um redesenho das cadeias produtivas e das relações comerciais. Na sua visão, qual é o papel da Bahia nesse novo cenário global, especialmente como uma potência agroambiental?

A Bahia reúne atributos estratégicos que a posicionam de forma diferenciada nesse novo redesenho das cadeias globais. Somos privilegiados em extensão territorial, com quantidade e qualidade de solo; abundantes em recursos naturais, como solo agricultável e água doce. Temos três biomas que nos permite uma diversidade de climas e de cadeias produtivas pouco vista em outro local. Temos, aqui na Bahia, o semiárido mais chuvoso do planeta. Possuímos escala e, sobretudo, uma base ambiental sustentável que nos permite avançar como uma potência agroambiental.

O mundo exige cada vez mais produção sustentável, com rastreabilidade e responsabilidade, e nisso, sem nenhuma modéstia, eu afirmo que o agro baiano não só está preparado para responder a essa agenda, como já é referência. Só no ano passado, as exportações do agronegócio baiano totalizaram US$ 6,7 bilhões, apresentando crescimento de 0,3% em relação ao ano anterior. Embora seja um leve aumento, evidencia como estamos nos posicionando diante da crescente demanda mundial pelos nossos produtos. Nosso papel é consolidar essa vocação, ampliando mercados e agregando valor à produção com

> *"Só no ano passado, as exportações do agronegócio baiano totalizaram US$ 6,7 bilhões."*



"Bahia acompanha o protagonismo do agro brasileiro e tem potencial para avançar ainda mais."

base em práticas cada vez mais eficientes e sustentáveis.

A agropecuária brasileira tem sido protagonista no crescimento econômico do país. Como o senhor avalia o posicionamento da agropecuária baiana dentro desse contexto nacional?

A agropecuária baiana vem se consolidando como um dos pilares do crescimento econômico do estado e tem ampliado sua relevância no cenário nacional. O PIB do agronegócio em 2025 cresceu 4% em relação a 2024, alcançando a marca de R$ 53 bilhões, o que representa uma participação de mais de 22% do PIB total do Estado, ou seja, sozinho o setor agropecuário representa quase um quarto da nossa economia.

Somos destaque em diversas cadeias produtivas e temos apresentado ganhos consistentes de produtividade e tecnologia, como exemplo eu vou citar a região oeste da Bahia, celeiro produtivo de grãos e fibra e cuja média de produtividade, tanto da soja, do milho e do sorgo quanto do algodão é a maior média nacional, seja em área de sequeiro ou irrigada, graças a tecnologia empregada, pois o campo baiano aporta o que há de mais inovador e tecnológico para garantir o aumento da produção com pouca pressão aos recursos naturais. Neste sentido, a Bahia acompanha o protagonismo do agro brasileiro e tem potencial para avançar ainda mais, especialmente com investimentos em infraestrutura e agregação de valor.

A Bahia reúne características únicas de solo, clima e biodiversidade. Como transformar esse potencial em vantagem competitiva sustentável no mercado internacional?

Transformar potencial em vantagem competitiva exige estratégia, investimento e governança. Isso passa por políticas públicas de fomento e fortalecimento do setor, com amplo investimento em infraestrutura – estradas e energia, sobretudo –, mas também pela educação. Eu sou um defensor da transformação pelo saber, pois o conhecimento dá musculatura intelectual ao ser humano e amplia as suas potencialidades.

Nosso objetivo é aumentar o número de pessoas capacitadas para trabalhar no setor e preparar o produtor para uma gestão mais eficiente, orientada por tecnologia, com dados e visão de mercado. Investir em pessoas é fundamental para garantir a sustentabilidade e a competitividade do setor, e penso que essa é uma responsabilidade compartilhada, onde governo e iniciativa privada devem unir forças para atender o pequeno produtor com assistência técnica de qualidade continuada, para que, através de um bom técnico, a gente possa mudar os índices econômicos e produtivos da atividade do pequeno produtor.

Ao alinhar produtividade com responsabilidade ambiental, conseguimos posicionar nossos produtos de forma diferenciada e competitiva, evidenciando a importância da utilização consciente dos insumos e recursos, assim garantindo uma produtividade que atenda não só uma sociedade do agora, mas também que garanta a sua disponibilidade para as gerações futuras.

Infraestrutura e logística ainda são gargalos históricos. Quais são hoje os principais desafios que impactam a competitividade do agro baiano e o que precisa avançar com mais urgência?

A questão logística ainda representa um dos principais entraves à competitividade do agro baiano e brasileiro. No caso do nosso estado, a dependência do modal rodoviário, a necessidade de ampliação e modernização de ferrovias e portos, além do custo elevado do transporte, impactam diretamente no custo do produtor.

Segundo pesquisa recente da Confederação Nacional de Transportes, na qual se avalia rodovias federais e estaduais em todo território baiano, pelo menos 21% são consideradas ruins ou péssimas; 17% são classificadas em condições razoáveis e boas e apenas 5,4%, ótimas. Isso aumenta o custo operacional do produtor rural com o transporte e escoamento da produção em cerca de 28,7%.

Não bastasse isso, há um outro custo mencionado na planilha, que é gerado pelos acidentes. Estima-se que só em 2024 o prejuízo do setor nesse quesito foi de R$ 1,14 bilhão, enquanto que o investimento do governo em obras de infraestrutura rodoviária de transporte foi R$ 411,80 milhões, essa é uma conta que não fecha.

Outro fator relevante é a capacidade de armazenagem no Estado. Na safra de

2024/2025, por exemplo, as estruturas de armazenamento da Bahia abrigaram apenas 52,6% da produção de fibra, grãos e café, segundo informações da Conab.

Até o ano passado, o órgão possuía cadastrados 683 unidades armazenadoras com a capacidade de 7,9 milhões de toneladas de grãos e fibras, sendo que o volume da safra dessas culturas somou 15 milhões de toneladas. Para manter a pujança do nosso agro, é fundamental avançar em investimentos estruturantes, com integração multimodal e maior eficiência no escoamento da produção. Essa agenda é urgente e estratégica para o desenvolvimento do estado.

O tema ESG ganhou protagonismo global. Como os produtores rurais baianos têm se adaptado às exigências de sustentabilidade e governança dos mercados internacionais?

O Brasil possui um dos códigos ambientais mais rígidos do mundo e o agro brasileiro é talvez o setor que mais respeita essa legislação. O produtor rural baiano atua sob um conjunto robusto de normas ambientais que exigem que ele conserve, preserve e mantenha, com o seu dinheiro, áreas de reservas legais que podem chegar a mais de 20% das propriedades rurais. Além disso, esse mesmo produtor vem incorporando, de forma crescente, práticas alinhadas aos princípios de ESG. Há avanços importantes em gestão, uso eficiente de recursos naturais, conformidade ambiental, rastreabilidade e certificações. Penso que o que precisamos é comunicar melhor esses avanços, garantindo o devido reconhecimento nos mercados interno e externo.

O equilíbrio entre produção e preservação ambiental é um dos grandes desafios do nosso tempo. Como o agro baiano pode se consolidar como referência nesse modelo?

Por tudo que já citei anteriormente, reitero que o agro baiano já é referência em produção sustentável, visto que se alia ao uso de tecnologia e ao respeito rigoroso à legislação ambiental, produzindo com eficiência e inovação e cuidado para com os recursos naturais. Assim, o agro baiano tem demonstrado, na prática, que é possível aliar crescimento econômico, segurança alimentar e responsabilidade ambiental.

A capacitação profissional tem papel central na evolução do setor. Como o Sistema Faeb/Senar tem contribuído para preparar o produtor rural diante das novas demandas tecnológicas e de mercado?

A educação é o eixo estruturante da nossa atuação. O Senar é essa grande escola do campo que tem levado formação, capacitação profissional e assistência técnica e gerencial a todas as regiões do estado, contribuindo para a profissionalização do campo. De acordo com os dados consolidados do Caged, 2025 fechou com 129.171 profissionais atuando no setor, um aumento de 1,8% frente a 2024.

As escolas técnicas também têm um papel fundamental nisso, e a nossa sugestão é que possamos fazer uma formação nessas escolas de forma compartilhada, onde o governo entre com as matérias obrigatórias, e o Sistema S, que representa os produtores, no caso o Senar, possa fazer parte dessa formação complementando com temas mais práticos, mais relacionados ao dia a dia e à necessidade da demanda que o produtor tem da porteira pra dentro, como adoção de tecnologias, fortalecimento da assistência técnica, certificações e ampliação da rastreabilidade,

A sucessão no campo é uma preocupação crescente. Que estratégias têm sido adotadas para atrair e manter os jovens no meio rural de forma produtiva e inovadora?

A sucessão rural passa, necessariamente, pela valorização do campo como espaço de oportunidade de geração de renda e crescimento profissional. Temos investido em programas voltados à juventude, com foco em inovação, empreendedorismo e uso de tecnologia. Quando o jovem percebe que é possível construir um futuro próspero no meio rural, com qualidade de vida e geração de renda, a permanência no campo se torna uma escolha estratégica e sustentável. Hoje o campo tem se apresentado como celeiro de oportunidades em diversas áreas de atuação, e os jovens têm mirado nesse mercado que remunera muito bem e que é altamente dinâmico e promissor. O futuro vem ao campo, até mesmo pela natureza da atividade, que é garantir a sustentabilidade alimentar.

A inclusão produtiva é essencial para reduzir desigualdades regionais. Como o agro pode ser um instrumento efeti-



"O produtor rural baiano atua sob um conjunto robusto de normas ambientais."



"Hoje o campo tem se apresentado como celeiro de oportunidades em diversas áreas de atuação."

vo de desenvolvimento social no interior da Bahia?

O agro tem um papel decisivo na dinamização econômica do interior, já que a maioria esmagadora dos municípios baianos tem na base da sua economia a atividade rural.

É preciso, portanto, fortalecer o pequeno e médio produtor, ampliar o acesso à tecnologia e estimular as cadeias produtivas locais para intensificar ainda mais o desenvolvimento equilibrado e sustentável do agro baiano, produzir oportunidades de novos empregos e melhorar a renda da população. E, novamente, tudo isso passa pelas políticas de fomento à atividade, pois ao promover inclusão produtiva, geração de renda e capacitação, estaremos contribuindo diretamente para reduzir desigualdades regionais.

O avanço tecnológico tem transformado a agropecuária. Como o senhor enxerga a digitalização e a inovação no campo baiano nos próximos anos?

A inovação será cada vez mais determinante para a competitividade do setor. Tecnologias como agricultura de precisão, conectividade e uso de dados não são novidades para o agro baiano. Na minha opinião, o grande desafio é ampliar o acesso a essas soluções, especialmente para pequenos e médios produtores. O futuro do agro baiano passa, inevitavelmente, pela digitalização e pela incorporação de soluções tecnológicas no dia a dia da produção.

O agro é frequentemente apontado como motor do desenvolvimento regional. Quais regiões da Bahia o senhor acredita que têm maior potencial de crescimento e por quê?

O Oeste baiano segue como uma das regiões mais dinâmicas, com alto nível tecnológico e produtividade. O Vale do São Francisco também tem se despontado com uma potência na fruticultura, com a capacidade de exportação muito grande, com abertura de novos mercados que têm valorizado o preço dos nossos produtos.

A Chapada, com o café e recentemente com aposta em frutas vermelhas, tem feito uma inclusão social dos pequenos produtores, que em pequenas áreas têm conseguido rentabilidade para sustentar as famílias e gerar empregos formais, e também através de uma organização social, de uma cooperativa, tem acesso a novos mercados de exportação, seja dentro do Brasil ou fora, e agregado muito valor na transformação dessas frutas vermelhas em geleias e derivados. Ao mesmo tempo, há um grande potencial no Semiárido, especialmente com o avanço da irrigação na região, proporcionando o desenvolvimento. Na região de Irecê, por exemplo, nós temos o Baixio de Irecê, o maior projeto de irrigação da América Latina, com capacidade de, depois de funcionar integralmente, gerar mais de 100 mil empregos direto. É o maior projeto de irrigação da América Latina, que já começa com uma diversidade de produção muito grande, produzindo grãos, frutas e outros produtos.

E junto à Barra do São Francisco, do outro lado da ponte, que também tem atraído produtores de vários estados e até de outros países, investindo em uma área intensiva, apostando na fruticultura, em cana de açúcar, enfim, uma diversidade de produção que, juntando ao Baixio de Irecê, vai se transformar no novo Eldorado da produção agropecuária brasileira. Na região Norte do estado, em Alagoinhas e Inhambupe, nós temos uma produção de grãos crescente, fazendo parte, inclusive, da Sealba (fronteira agrícola formada pelos estados de Sergipe, Alagoas e Bahia), com uma produção significativa de milho e, agora, mais recentemente, a introdução dos citros, em especial limão-taiti e a laranja, se transformando num produto importante de exportação para os mercados mais exigentes do mundo, em virtude da segurança sanitária que a Bahia tem de não ter algumas doenças virais que são bloqueadas à exportação para os países mais desenvolvidos. Então, é uma tendência que o desenvolvimento regional passa pelo aproveitamento das vocações locais, aliado a investimentos em infraestrutura e tecnologia.

Olhando para o futuro, qual será o papel do Sistema Faeb/Senar na construção de uma Bahia mais competitiva, sustentável e inserida na nova ordem econômica mundial?

O Sistema Faeb/Senar continuará exercendo um papel estratégico na transformação do agro baiano. Nosso compromisso é defender e representar o produtor rural, ampliar a qualificação, incentivar a inovação e atuar para a intensificação e criação de políticas públicas que aumentem a competitividade do setor. Trabalhamos para construir uma Bahia cada vez mais produtiva, sustentável e integrada às novas dinâmicas globais. ■



Manuela Cavadas

EMPREENDER COMO CHAVE PARA O FUTURO

Jorge Khoury – *Diretor Superintendente do Sebrae Bahia*

O empreendedorismo tem se consolidado como uma das principais respostas às transformações sociais e às novas dinâmicas econômicas globais. Na Bahia, esse movimento se revela em números expressivos e, sobretudo, na capacidade de adaptação de milhões de pessoas que buscam empreender como uma oportunidade concreta de geração de renda, autonomia e desenvolvimento.

Nosso estado conta hoje com mais de 1,2 milhão de micro e pequenos negócios. Eles estão distribuídos em todos os setores da economia. No Sebrae, seguimos atuando em diversas frentes para contribuir com o desenvolvimento sustentável, social e econômico, a partir desses empreendimentos. E nosso acampamento de resultados nos indica que a atuação da instituição reflete uma estratégia alinhada às necessidades reais de quem empreende, ampliando o acesso, fortalecendo vínculos e oferecendo suporte qualificado.

Com cobertura de atendimento que alcançou 94% do público-alvo, ficou evidente que o empreendedor baiano não apenas busca apoio, mas reconhece valor nas soluções oferecidas. Esse reconhecimento também se traduz no índice de satisfação, com NPS de 80%, um patamar que consolida a confiança na instituição.

Ao mesmo tempo, os dados mais recentes reforçam uma tendência: o mercado de trabalho tem sido impulsionado pelo empreendedorismo. Em janeiro de 2026, a Bahia registrou saldo positivo de 6.124 novos empregos formais, sendo mais da metade gerada por micro e pequenas empresas, conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). O protagonismo dos pequenos negócios também se confirma na abertura de novas empresas. Somente nos dois primeiros meses do ano, foram 45.745 novos empreendimentos no estado, mantendo a liderança regional no Nordeste.

Neste cenário, o empreendedorismo deixa de ser apenas uma alternativa e passa a ocupar um papel central na organização da economia. Os pequenos negócios, que representam 98% das empresas baianas, respondem por 31,5% do PIB estadual, consolidando-se como um motor fundamental de dinamização econômica a partir dos municípios e territórios.

A longo prazo, pensando no impacto social e econômico, a educação empreendedora ganha relevância estratégica.

> *"Em janeiro de 2026, a Bahia registrou saldo positivo de 6.124 novos empregos formais, sendo mais da metade gerada por micro e pequenas empresas."*



"Empreender, hoje, é assumir protagonismo em um cenário de constantes mudanças."

Preparar pessoas para empreender não significa apenas ensinar técnicas de gestão, mas desenvolver competências como visão de futuro, criatividade e resiliência. Em 2025, o Sebrae Bahia alcançou 188.555 estudantes com iniciativas voltadas à cultura empreendedora, fortalecendo uma base essencial para o futuro: jovens mais preparados para inovar e transformar realidades.

Paralelamente, o avanço do empreendedorismo está diretamente ligado ao fortalecimento da inovação. A Bahia tem ampliado sua atuação nesse campo por meio de iniciativas estruturantes e parcerias sinérgicas. Um dos destaques é o Bahia Tech Experience (BTX), parceria entre Sebrae e Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti), que, em sua última edição, reuniu cerca de 6 mil participantes, com 98 painéis, 150 apresentações de startups e mais de mil capacitações. O evento se consolidou como o maior do segmento no Nordeste, promovendo conexões, geração de negócios e visibilidade para o potencial inovador do estado.

Outro exemplo relevante é o Startup Day, que este ano mobilizou mais de mil participantes em 13 municípios baianos, integrando uma agenda nacional de estímulo às startups. A expectativa é de expansão, ampliando o alcance territorial e fortalecendo ainda mais o ecossistema local. Essas iniciativas fazem parte também do esforço conjunto entre o Sebrae e a Secti, que inclui ainda a realização de diagnósticos dos ecossistemas locais de inovação, fundamentais para orientar políticas públicas mais eficientes e aderentes às realidades regionais.

O convênio firmado entre as instituições, com investimento de R$ 15 milhões, projeta impactar diretamente mais de 15 mil empreendedores até 2026, por meio de capacitações, desafios tecnológicos, missões empresariais e programas de aceleração em áreas estratégicas como biotecnologia e games. Trata-se de um movimento que não apenas estimula a inovação, mas também interioriza oportunidades e amplia o acesso ao empreendedorismo de base tecnológica.

Ao lado dessas ações, eventos setoriais como o Fórum do Comércio, a INDEX e a e-Agro reforçam a estratégia de antecipar tendências, qualificar empresários e gerar oportunidades concretas de negócios. Tudo isso apoiado por uma rede de parcerias que envolve instituições como a Associação Comercial da Bahia (ACB) e a União dos Municípios da Bahia (UPB), fundamentais para a construção de um ambiente de negócios mais favorável.

Empreender, hoje, é assumir protagonismo em um cenário de constantes mudanças. É transformar desafios em oportunidades, conectar conhecimento à prática e contribuir para o desenvolvimento coletivo. É construir soluções, gerar impacto e impulsionar a economia de forma sustentável.

Diante desse cenário, o papel do Sebrae se torna ainda mais essencial. A organização atua como ponte para quem deseja começar, inovar ou crescer com competitividade. É esse trabalho contínuo, próximo e estratégico que permite transformar ideias em negócios sustentáveis e desafios em caminhos de crescimento.

O Sebrae reafirma, assim, seu compromisso de seguir ao lado dos empreendedores, oferecendo conhecimento, orientação e conexões que fazem a diferença no dia a dia dos pequenos negócios. Porque, em um mundo em constante mudança, empreender é também construir o futuro. ■



COPA DO MUNDO VERDE: A DESCARBONIZAÇÃO E TRANSIÇÃO ENERGÉTICA NA INDÚSTRIA PETROQUÍMICA

Angélica Bertin *- Gerente de Energia e Descarbonização da Braskem*

A Copa do Mundo se aproxima, reunindo 48 seleções na disputa pelo maior título do futebol mundial. Nesse contexto, conceitos amplamente consolidados na indústria, como eficiência, inovação, gestão e qualidade, passam a refletir também no ambiente esportivo. Há, no entanto, um elemento essencial que conecta diretamente esses dois universos: a sustentabilidade, que de forma simplificada, pode ser entendida como a capacidade de produzir mais, com eficiência, utilizando menos recursos. Na Copa, para sustentar um alto nível de desempenho, minimizando riscos de lesões e fadiga, é fundamental adotar uma gestão sustentável dos jogadores, ou seja, utilizar de maneira estratégica os recursos disponíveis para maximizar resultados.

Na indústria, especialmente no setor químico, a sustentabilidade assume um papel ainda mais fundamental, com iniciativas de descarbonização e transição energética, deixando de ser apenas obrigação ambiental, passando a ser vantagem competitiva e oportunidade de investimento.

Segundo dados do governo da Bahia, a indústria no estado representa cerca de 25% do PIB baiano, gerando 457 mil empregos. Isso significa que qualquer mudança no setor afeta diretamente a renda, emprego e desenvolvimento de toda uma região. Portanto, sem práticas sustentáveis, o setor pode gerar custos ambientais e sociais elevados, comprometendo seu próprio crescimento no longo prazo.

> *"Mais de 1,3 milhão de toneladas de CO_2e já foram reduzidas, com a Bahia desempenhando um papel estratégico."*



"Acançando o compromisso de energia renovável comprada em nossa matriz elétrica até 2030."

Descarbonização como pilar estratégico

Na Braskem, a descarbonização e a transição energética se consolidaram como pilares estratégicos e vêm avançando de forma consistente na implementação de iniciativas que conciliam competitividade, eficiência operacional e sustentabilidade. Por meio do Programa de Descarbonização Industrial, a companhia estabeleceu o objetivo de reduzir em 15% as emissões de gases de efeito estufa (GEE) dos escopos 1 e 2 até 2030.

Mesmo diante de um cenário global desafiador para a indústria petroquímica, o ano de 2025 representou um marco importante para a Braskem nessa trajetória. A consolidação de uma cultura organizacional voltada à sustentabilidade tem permitido que as equipes atuem de forma proativa e inovadora na busca por soluções que reduzam emissões e ampliem a eficiência energética. Como resultado, mais de 1,3 milhão de toneladas de CO_2e já foram reduzidas, com a Bahia desempenhando um papel estratégico ao contribuir com mais de 200 mil toneladas desse total.

Tecnologia, eficiência e transformação industrial na Bahia

Entre os principais avanços, tivemos a evolução nas frentes de melhoria contínua, eficiência energética, eletrificação e transição da matriz energética. Na Bahia, destaca-se o projeto de digitalização de operações e otimização da energia utilizada pelos fornos de pirólise, equipamentos que demandam elevada quantidade de energia.

O projeto, intitulado Multivariate Process Analysis (ProMV), foi desenvolvido com o apoio do Centro Digital da Braskem, com foco na implementação de ferramentas de análise, automação, inteligência artificial e Internet das Coisas (IoT). Por meio de modelos matemáticos, estatísticos e simulação em tempo real, o projeto otimiza o consumo energético da operação dos fornos de pirólise, equipamentos chaves na operação das centrais petroquímicas.

Outro exemplo relevante foi o projeto de aumento da Produção Específica das Caldeiras da UTE Q 1 BA, desenvolvido por uma equipe de engenheiros no Polo Industrial de Camaçari. Os profissionais aplicaram uma metodologia para eliminar desperdícios, agilizar processos, reduzir falhas e variabilidade com base em uma análise multivariável e ajustes



Gemini.google.com

operacionais. Desta forma, conseguiram ganhos financeiros significativos na economia de combustível, além de evitar a emissão de 30 mil toneladas de CO2e e reduzir em 46% as perdas de água associadas ao processo.

Em complemento às iniciativas focadas na eficiência energética das nossas operações industriais, na Bahia mais de 90% da energia elétrica adquirida pela Braskem nos últimos anos teve origem de fontes renováveis. Esse resultado foi viabilizado por meio de contratos de longo prazo e parcerias em projetos de geração de energia renovável como os parques eólicos nas cidades baianas de Urandi, Jacaraci, Licínio de Almeida e Campo Formoso, contribuindo com a capacidade instalada do país em mais de 400 MW.

Com essas iniciativas, avançamos de forma consistente na transição energética da companhia e em 2025 atingimos 85% da energia elétrica adquirida pela Braskem de forma global a partir de fontes renováveis,

> *"A diversificação da matriz energética também inclui a adoção de combustíveis de transição e renováveis."*

alcançando o compromisso de energia renovável comprada em nossa matriz elétrica até 2030.

Inovação e escala para acelerar a transição energética

As ações de descarbonização e transição energética, no entanto, são estendidas às nossas operações em todo o país. Um exemplo relevante é a unidade de PVC em Alagoas, que passou a operar com 100% do vapor consumido proveniente de biomassa. Com capacidade de gerar cerca de 900 mil toneladas de vapor por ano, a usina tem o potencial para reduzir aproximadamente 150 mil toneladas de CO_2e anualmente. A parceria estratégica com a Veolia foi fundamental para viabilizar essa transformação, abrangendo desde o cultivo do eucalipto até a operação das caldeiras.

Outra iniciativa de extrema relevância foi a aprovação do projeto de instalação de uma caldeira elétrica na unidade de Paulínia (SP), em parceria com a ComBio. A ação prevê a substituição parcial do vapor gerado por combustíveis fósseis por vapor produzido a partir de energia elétrica renovável, o que representa uma solução mais eficiente e com menor intensidade de carbono. Estima-se que o projeto permitirá reduzir cerca de 65% das emissões de CO_2 dos escopos 1 e 2 da unidade.

No campo da inovação tecnológica, o Projeto Vesta se destaca como um dos principais cases da companhia. Implementado no Polo Petroquímico do ABC Paulista, o projeto promoveu

a substituição de turbinas a vapor por motores elétricos de alta eficiência, suportados por uma nova central de cogeração alimentada por gás residual com alto teor de hidrogênio. Como resultado, houve uma redução de 7,3% no consumo energético total, equivalente ao abastecimento de uma cidade com cerca de 1 milhão de habitantes.

A diversificação da matriz energética também inclui a adoção de combustíveis de transição e renováveis. A migração para o mercado livre de gás natural, por exemplo, aumentou a flexibilidade e competitividade no uso dessa fonte de energia. Paralelamente, a introdução do biometano no Rio Grande do Sul contribui para a substituição parcial do gás natural, reduzindo as emissões associadas ao consumo energético. O projeto é realizado em parceria com a Ultragaz, fornecedora do biometano, com contrato inicial de três anos.

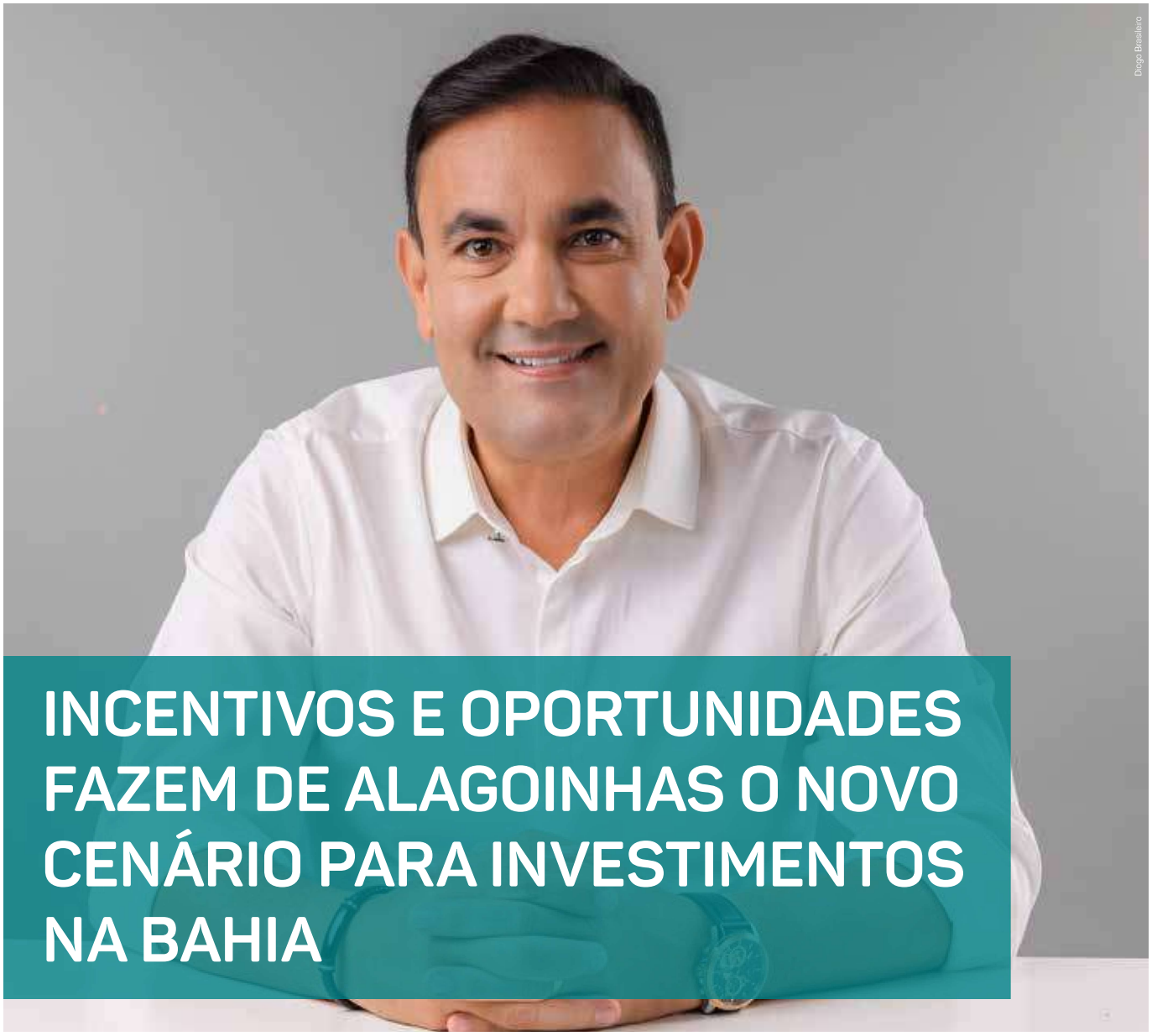
Além das iniciativas já implementadas, a Braskem mantém um portfólio robusto de projetos em estudo, abrangendo diferentes regiões e tecnologias. De forma transversal, a companhia também avalia parcerias estratégicas e soluções inovadoras. Essas iniciativas visam não apenas reduzir emissões, mas também aumentar a resiliência e a competitividade das operações no longo prazo.

As estratégias de descarbonização e transição energética da Braskem estão diretamente integradas à sua visão de futuro, que busca alinhar crescimento econômico com responsabilidade ambiental. O monitoramento contínuo por meio de indicadores e auditorias, aliado ao avanço da regulamentação do mercado de carbono, contribui para orientar decisões e acelerar a implementação de projetos.

Desta forma, a empresa se posiciona como um agente relevante na transição para uma economia de baixo carbono, demonstrando que é possível conciliar inovação, eficiência e sustentabilidade. Ao investir em tecnologias limpas, fontes renováveis e novos modelos de negócio, a Braskem reforça seu compromisso com a redução das emissões de GEE e com a construção de uma indústria mais sustentável e competitiva. ■

> *"Como resultado, houve uma redução de 7,3% no consumo energético total, equivalente ao abastecimento de uma cidade com cerca de 1 milhão de habitantes."*





INCENTIVOS E OPORTUNIDADES FAZEM DE ALAGOINHAS O NOVO CENÁRIO PARA INVESTIMENTOS NA BAHIA

Gustavo Carmo *- Prefeito de Alagoinhas*

O Estado da Bahia vem tecendo um futuro de mais dignidade, oportunidades e esperança para milhões de famílias. O aumento na geração de empregos e renda impulsiona o progresso, ao mesmo tempo que exige dos municípios foco em inovação e capacidade de atrair investimentos. É neste cenário que Alagoinhas reacende o seu protagonismo enquanto capital do Litoral Norte e Agreste baiano, um lugar onde viver bem, investir e prosperar é uma realidade cada vez mais concreta.

Os passos de Alagoinhas são guiados por um projeto político de visão de futuro e um plano de expansão industrial robusto, que pavimenta caminhos por onde a nossa cidade vai passar não só acompanhando, mas liderando o crescimento da região. Não há dúvidas quanto a isso. Afinal, quando o planejamento estratégico, executado de forma diligente, se une à força de trabalho do nosso povo e às potencialidades do município, olhar para o amanhã com a certeza de que se está no rumo certo é inevitável.

> *"Investir em Alagoinhas é irrigar um terreno fértil para novos negócios."*

Alagoinhas tem um plano de expansão industrial claro e definido a partir das suas riquezas naturais, aptidões e da sua localização estratégica. Próximo a cidades como Salvador, Camaçari e Feira de Santana, cortado pela BR-101, que atravessa o Brasil, e pela BR-110, que liga o interior do Nordeste, o nosso município também garante acesso rápido à BR-324 e à BA-093, o que fortalece ainda mais seus vínculos com os principais centros econômicos e polos industriais.

Detentora do título de Capital Baiana da Cerveja, nossa cidade tem na qualidade água – a melhor do Brasil – o seu



Gemini.google.com

"Nossa agricultura familiar também tem se fortalecido, com cooperativas em expansão."

maior ativo econômico. Abriga o principal polo de bebidas do estado, mas não se prende a isso. Dispõe de um parque industrial diversificado. Agora, o nosso plano de expansão busca impulsionar outros setores produtivos, alguns deles já em desenvolvimento, como os de cerâmica, petróleo e gás, saúde e medicamentos. Para isso, adotamos medidas como a ampliação da área destinada a novas empresas – incluindo uma região voltada à instalação de um parque tecnológico –, doação de terrenos e incentivos fiscais.

Atualizamos o Código Tributário Municipal, outra medida fundamental para o desenvolvimento da indústria e do comércio em nossa cidade. Alinhado às novas regras vigentes no país e construído para se adequar a possíveis mudanças no regime nacional até 2033, nosso código é um atestado de segurança jurídica e confiança para que as empresas possam investir em Alagoinhas. Neste contexto, criamos um fundo social que também garante benefícios fiscais para instituições que queiram promover o bem-estar das comunidades onde estão inseridas.

Esses são exemplos de como investir em Alagoinhas é irrigar um terreno fértil para novos negócios, e a experiência das empresas já instaladas também comprova a pujança do nosso município. No ramo de bebidas, gigantes como Heineken, Grupo Petrópolis e Indústria São Miguel integram um ecossistema de produção que abrange desde a fabricação de tampas, latas, garrafas e engradados, até centros de distribuição, logística especializada e manutenção industrial, abastecendo diversos estados do país e impulsionando a economia local e regional.

No segmento da moda, a Arezzo&Co produz peças de Alagoinhas para todo o Brasil. Já a Pion G Plus, maior empresa de paramentação médico-cirúrgica do país, escolheu nossa cidade e instalou recentemente sua primeira unidade no Nordeste. Na produção de celulose, a Bracell tem presença forte e estratégica, enquanto o setor de petróleo e gás conta com serviços avançados de empresas como a Braserv, potência na qualificação e exportação de mão de obra especializada. Outro exemplo de sucesso são os curtumes, que exportam para a Europa, Estados Unidos e Ásia, comprovam a qualidade e o alcance global dos produtos feitos em nosso município.

Na área de cerâmica, dispomos de uma jazida de 220 milhões de toneladas, com um potencial de produção de 1,4 bilhão de peças por ano – um convite irrecusável para novos investimentos. No agronegócio, estamos entre as cem melhores cidades do Brasil para quem deseja investir, de acordo com pesquisa da Urban Systems para a revista Exame. Além de polo de citrus com forte exportação, tradição no fumo e charutos de reconhecimento internacional, Alagoinhas registra uma produção crescente de milho, pecuária e agroindústria. Nossa agricultura familiar também tem se fortalecido, com cooperativas em expansão, o que garante a diversidade produtiva e a sustentabilidade local.

Alagoinhas também está entre os maiores polos de comércio e serviços do interior da Bahia, exercendo grande influência regional sobre 33 municípios. Segmentos como varejo, atacado, alimentação, serviços e o

mercado imobiliário compõem um ambiente sólido e em constante desenvolvimento. Grandes redes nacionais já escolheram Alagoinhas como base estratégica, o que reforça o papel da cidade enquanto um dos mais importantes centros comerciais do estado. Impulsionado pela demanda da indústria e logística, o turismo de negócios é outro setor que cresce, com novos empreendimentos hoteleiros que chegam em meio à vitalidade econômica da região.

Fundamental para todo esse crescimento é a capacidade de formar talentos. Em Alagoinhas, temos um ecossistema educacional que vai do ensino básico ao superior, passando pela formação técnica e profissionalizante. Diariamente, instituições de referência de qualidade como a Universidade do Estado da Bahia (Uneb), o IF Baiano e faculdades particulares preparam mão de obra para os desafios do mundo do trabalho, por meio de cursos diversos, a exemplo de Medicina, Engenharias, Odontologia, cinco escolas de Direito, entre tantas opções.

Outro passo importante é a construção da nova unidade integrada do Sesi/Senai. Fruto de parceria da Prefeitura com o Sistema Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), a obra é um dos maiores investimentos em educação, saúde e qualificação profissional no interior do estado. Entre outros espaços, a estrutura que está sendo erguida em terreno doado pelo município vai abrigar escolas de educação básica e qualificação profissional. Com oferta de 10% de vagas gratuitas, o projeto tem um investimento de mais de R$ 122 milhões e inclui equipamentos modernos como biblioteca maker e laboratórios práticos.

Iniciativas assim fazem de Alagoinhas um celeiro de formação de profissionais que abastecem o mercado regional e conquistam espaços em diversos estados, especialmente, em setores estratégicos como o de petróleo e gás. Nossa cidade tem talentos prontos para trabalhar, e o nosso plano de expansão industrial escancara as portas do município para a chegada de instituições que possam absorver cada vez mais essa mão de obra.



Cada nova empresa que se instala, cada linha de produção que se expande, significa mais vagas de trabalho para nossos jovens e para mães e pais de família, mais renda circulando e mais dignidade para nossa gente. Exatamente por isso, criamos um ambiente onde a qualificação profissional é acessível, o empreendedorismo é incentivado e o cidadão pode vislumbrar conquistas sem precisar tentar a sorte em outras terras.

Nossa administração tem atuado de forma incansável para promover um ambiente cada vez mais favorável aos novos negócios. Simplificamos processos, desburocratizamos a abertura de empresas, oferecemos incentivos fiscais e investimos continuamente em infraestrutura para que indústrias encontrem as condições ideais para operar e expandir. Alagoinhas não é apenas um local de passagem; é um destino seguro para quem deseja investir, uma cidade que cresce, se diversifica e está pronta para acolher novos empreendimentos.

Tenho profundo orgulho de liderar este momento de transformação. Com fé no futuro e no potencial de nossa gente, continuaremos avançando. Quem estiver disposto a percorrer este caminho de desenvolvimento conosco, é muito simples. Alagoinhas está de braços abertos. ■

> *"Alagoinhas não é apenas um local de passagem; é um destino seguro para quem deseja investir."*



As imagens utilizadas nesse material foram geradas por inteligência artificial no Midjourney.

ENERGIA DA TRANSIÇÃO SUSTENTÁVEL: DA BAHIAGÁS PARA O NOSSO ESTADO.

Com o Gás Natural abastecendo os setores industrial, comercial, automotivo e residencial, a Bahiagás já está na vanguarda da transição energética. O GN é um combustível mais limpo, que causa menos impacto ao meio ambiente. Mas a Companhia de Gás da Bahia segue inovando e promovendo novas fontes como o Biometano, produzido a partir de resíduos orgânicos. É a energia do Gás Natural Renovável chegando para fazer um futuro mais sustentável para a Bahia e para o mundo.

SAC: 0800 071 9111 • www.bahiagas.com.br

BAHIAGÁS
COMPANHIA DE GÁS DA BAHIA

GOVERNO DA BAHIA
DO LADO DA GENTE


Divulgação CS Portos

A NOVA FORÇA LOGÍSTICA DA BAHIA

Marcos Tourinho *– CEO da CS Portos*

Em um cenário global marcado pela reconfiguração das cadeias produtivas e pela crescente disputa por eficiência logística, os portos assumem papel central na competitividade das nações e regiões. Para a Bahia, esse movimento representa não apenas um desafio, mas uma oportunidade concreta de reposicionamento estratégico no comércio internacional, especialmente a partir da força do agronegócio e da modernização de sua infraestrutura.

Nesta entrevista exclusiva à revista Bahia Econômica, o CEO da CS Portos, Marcos Tourinho, analisa como a combinação entre inovação, escala operacional e integração logística vem transformando o estado em um hub cada vez mais relevante no cenário global. Com investimentos robustos, avanço tecnológico e foco em sustentabilidade, o executivo detalha os impactos de novos ativos portuários, os ganhos de eficiência no escoamento de grãos e os caminhos para ampliar a inserção da Bahia na nova ordem mundial.

Sr. Marcos Tourinho, diante da reconfiguração da economia global e das cadeias produtivas, qual é o papel estratégico dos portos e, em especial, da CS Portos, na inserção da Bahia na nova ordem mundial?

Os portos tornaram-se vetores centrais de competitividade global, e a CS Portos amplia a inserção da Bahia ao oferecer alta capacidade de movimentação para importação de fertilizantes e exportação de grãos.

Seus ativos de alta performance elevam a produtividade e reduzem custos logísticos, fortalecendo a cadeia do agronegócio.

Além disso, impulsiona a diversificação das exportações, com novos fluxos como o sorgo pelo Porto ATU18.

A Bahia vem se consolidando como um importante hub logístico e industrial do Nordeste. Como a CS Portos contribui para esse posicionamento e quais são os principais diferenciais operacionais da companhia nesse processo?

A CS Portos fortalece a Bahia como hub logístico ao oferecer alta eficiência operacional e grande capacidade de escoamento para o agronegócio. O novo Terminal de grãos ATU18 conta com shiploader de 2 mil t/h, tombamento su-

> *"O novo Terminal de grãos ATU18 conta com shiploader de 2 mil t/h, tombamento superior a 300 caminhões/dia."*



"Um terminal totalmente automatizado, com agendamento digital, acesso por leitura facial e de placas, e classificação integrada ao sistema."

perior a 300 caminhões/dia sem restrição de porte e um terminal 100% automatizado, sem uso de papel.

Esses diferenciais elevam a produtividade, reduzem custos e aumentam a competitividade do estado no cenário nacional e global.

A entrada em operação do Terminal ATU 18 representa um marco importante para o setor portuário baiano. Quais são as principais capacidades e impactos desse terminal, especialmente no fortalecimento das exportações de grãos como soja, milho e sorgo?

O Terminal ATU18 traz alta capacidade operacional, com armazenagem de 120 mil toneladas em 4 silos, descarga rodoviária superior a 15 mil toneladas/dia e embarque de 20 a 30 mil toneladas diárias por navio.

Esses números ampliam a eficiência logística e a competitividade da Bahia no escoamento de soja, milho e sorgo.

Como resultado, o terminal fortalece as exportações e consolida o estado como polo estratégico do agronegócio.

No que diz respeito à operação do Terminal ATU 18, quais são os principais indicadores projetados pela CS Portos, como capacidade anual de movimentação, volume esperado de grãos, número de navios atendidos e ganhos de eficiência logística e de que forma esses números refletem o potencial do terminal para transformar a competitividade das exportações baianas?

A operação do Terminal ATU18 projeta a exportação de cerca de 3 milhões de toneladas de grãos por ano, distribuídas em quase 50 navios.

Esses volumes refletem ganhos relevantes de eficiência logística, com maior previsibilidade, escala e redução de custos no escoamento.

Com isso, o terminal eleva a competitividade das exportações baianas e amplia sua relevância no mercado global.

De que forma o ATU 18 dialoga com as demandas crescentes do agronegócio brasileiro e contribui para ampliar a competitividade da Bahia no mercado internacional?

O ATU18 atende às demandas crescentes do agronegócio com alta capacidade de movimentação, armazenagem eficiente e operações ágeis de descarga e embarque.

Com estrutura moderna e automatizada, reduz custos logísticos, aumenta a previsibilidade e garante maior fluidez no escoamento de grãos.

Assim, amplia a competitividade da Bahia e fortalece sua inserção no mercado internacional.

Em um cenário global cada vez mais orientado por eficiência, como a CS Portos tem investido em inovação e tecnologia para otimizar suas operações e garantir maior produtividade logística?

A CS Portos investe em um terminal totalmente automatizado, com agendamento digital, acesso por leitura facial e de placas, e classificação integrada ao sistema, eliminando papel e aumentando a precisão operacional.

O processo é otimizado com tombamento e pesagem no mesmo ponto, reduzindo o tempo de permanência do caminhão, além do envio do ticket de embarque direto ao celular do motorista.

No cais, o shiploader telescópico com inclinação de 30° e giro de 360° realiza o carregamento eficiente dos porões sem uso de escavadeiras, elevando produtividade e reduzindo custos.

A integração entre modais logísticos é um dos grandes desafios do Brasil. Como a CS Portos atua para fortalecer essa conexão entre porto, ferrovia e rodovia, ampliando a fluidez das cadeias logísticas?

A CS Portos atua como elo integrador entre rodovia, ferrovia (para carga específica de minério) e porto, garantindo fluxo contínuo e eficiente das cargas até o embarque.

Com operações automatizadas e alta capacidade de recepção e expedição, reduz filas, tempos de espera e custos logísticos ao longo da cadeia.

Essa integração amplia a fluidez, aumenta a competitividade e fortalece a eficiência do corredor logístico baiano.

A sustentabilidade e a descarbonização têm ganhado centralidade na agenda global. Quais iniciativas a CS Portos vem adotando para tornar suas operações mais sustentáveis e alinhadas às melhores práticas ambientais?

A CS Portos vem adotando uma série de iniciativas estruturantes para tornar as operações mais sustentáveis e alinhadas às práticas ambientais:

- Destaca-se, o processo de modernização dos terminais no Porto de Aratu, voltados não apenas à ampliação da capacidade logística, mas também à incorporação de equipamentos mais modernos e ambientalmente responsáveis (a eletrificação das operações favorece o processo de descarbonização);

- Do ponto de vista ambiental, tem-se a mitigação de passivos históricos, com a implantação de novos sistemas de drenagem, pavimentação adequada e controle ambiental, além da instalação de Estações de Tratamento de Águas Contaminadas (ETAC) e de efluentes (ETE). Essas ações permitiram a eliminação do lançamento de efluentes sem tratamento, que contribuirá para a melhoria da qualidade ambiental da Baía de Aratu;

- A CS Portos participa do Pacto Global da ONU, de modo, a adotar práticas compatíveis com os ODS;

- A CS Portos possui Selo Ouro no GHG Protocol por três anos consecutivos. O inventário de emissões de gases do efeito estufa é publicado anualmente na plataforma;

- E por fim, a proposição de projetos que promovam a gestão eficiente de recursos, redução de riscos ambientais e fortalecimento do relacionamento com as comunidades do entorno (continente e costeira).

Quais são hoje os principais gargalos da infraestrutura portuária no Brasil e como a experiência da CS Portos pode servir de referência para superá-los?

Os gargalos da infraestrutura portuária brasileira hoje deixaram de ser pontuais — são estruturais e sistêmicos. E isso é importante porque muda completamente o tipo de solução: não basta expandir cais, é preciso redesenhar o modelo operacional e logístico. A experiência da CS Portos (com foco em automação, integração e gestão por dados) entra justamente nesse ponto.

Do ponto de vista econômico, qual tem sido o impacto da atuação da CS Portos no desenvolvimento regional da Bahia, especialmente na geração de emprego, renda e atração de investimentos?

A CS Portos investiu mais de R$900 milhões na construção dos terminais ATU12 e ATU18. A operação de ambos impulsiona o desenvolvimento regional ao gerar mais de 1.500 empregos diretos e indiretos.

Com operações mais eficientes e integradas, fortalece a competitividade da Bahia e estimula novas cadeias produtivas. A CS Portos com esses investimentos cria um efeito multiplicador de geração de riqueza e renda para toda a Região Nordeste, especialmente para o Estado da Bahia, além de beneficiar o setor do agronegócio que tem o maior peso na economia do Estado.

Olhando para o futuro, quais são os próximos passos estratégicos da CS Portos e como a empresa pretende ampliar seu protagonismo na consolidação da Bahia como um dos principais polos logísticos do país?

Pretendemos continuar a investir em capacidade, produtividade e nas pessoas.

Nosso plano prever dobrar a capacidade de exportação de grãos pelo ATU18, continuamente investir em automação e tecnologia de ponta a favor da produtividade e eficiência, e mais importante, investir na qualificação e desenvolvimento dos nossos colaboradores. ■



"Continuaremos nosso trabalho ativo junto aos órgãos reguladores para assegurar um ambiente de negócios previsível.."

O futuro da indústria se constrói com visão global e transformação local.

A descarbonização e a transição energética são decisões estratégicas da indústria. Na Braskem, o nosso compromisso global de **reduzir em 15% as emissões até 2030** já evitou a emissão de mais de **1,3 milhão de toneladas de CO_2e.**

Na Bahia, esse movimento ganha protagonismo: já reduzimos mais de **200 mil toneladas de CO_2e** em nossas operações, impulsionadas pelo uso de mais de **90% de energia elétrica proveniente de fontes renováveis.**

Neste mês da Indústria, celebramos quem transforma estratégia em desenvolvimento sustentável.





Saiba mais em:

Braskem



BAHIA, TERRITÓRIO GLOBAL ONDE INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE IMPULSIONAM O FUTURO

Moisés Santos *– Diretor de Operações da Tronox Bahia*

A Bahia reúne atributos evidentes para se consolidar como um polo estratégico não apenas no Brasil, mas também no cenário internacional. Em um contexto global marcado pela reorganização das cadeias produtivas, pela transição energética e pela busca por maior resiliência industrial, o estado se destaca por sua localização privilegiada, base industrial consolidada, infraestrutura logística e disponibilidade de talentos. A presença de empresas globais com operações integradas, como a Tronox, reforça esse posicionamento e demonstra, na prática, como a Bahia pode atuar como plataforma de conexão com o mundo.

Com atuação em seis continentes, a Tronox tem na Bahia um ativo estratégico plenamente integrado à sua cadeia global de produção. A unidade baiana não opera de forma isolada: ela está conectada a uma rede internacional que envolve ativos de mineração, plantas industriais, centros tecnológicos e estruturas logísticas distribuídas em diferentes países, consolidando a Bahia como um elo relevante nas cadeias globais de valor.

Essa relevância se torna ainda mais evidente pelo fato de a planta da Bahia ser a única produtora nacional de dióxido de titânio (TiO_2), insumo essencial para setores como tintas, plásticos, papel e revestimentos. Trata-se de um componente elementar para a indústria. Ter essa produção local contribui diretamente para a segurança industrial do país, reduzindo dependências externas e fortalecendo a autonomia produtiva, além de impactar positivamente na economia, desenvolvimento e geração de emprego.

Em 2026, celebramos 55 anos de operação contínua, tendo sido uma das pioneiras do polo industrial, desde 1971. Hoje, sua presença segue sendo estruturante para a economia local: são cerca de 760 postos de trabalho diretos e terceirizados, além de um impacto indireto que alcança aproximadamente 7 mil pessoas nas comunidades do entorno, como Abrantes, Jauá, Areias, Tucunaré e Arembepe. Esse movimento é potencializado pelo fluxo de compras e contratação de serviços, que dinamiza a economia regional.

Seguimos em evolução. No campo tecnológico, acompanhamos as transformações da indústria global, com a incorporação de soluções que permitem o monitoramento em tempo real e a otimização de processos. Paralelamente, a sustentabilidade se consolida como eixo central da estratégia da Tronox. A unidade da Bahia adota práticas avançadas de gestão ambiental, alinhadas à rigorosa legislação brasileira. Um dos marcos mais emblemáticos desse compromisso é a transição energética da planta, que passou a operar com energia elétrica proveniente de fonte 100% renovável, de origem eólica. A iniciativa posiciona a unidade como pioneira na produção de pigmentos com base em energia limpa na região, reduzindo significativamente sua pegada de carbono e alinhando-se às metas globais de descarbonização e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

> *"A única produtora nacional de dióxido de titânio (TiO_2)."*







Diante desse cenário, a Bahia se posiciona de forma cada vez mais consistente como um território estratégico na nova ordem econômica global. A combinação entre indústria de base, inovação tecnológica, sustentabilidade e impacto social cria um ambiente favorável à atração de investimentos e ao fortalecimento de cadeias produtivas. A experiência da Tronox evidencia que é possível integrar escala global com atuação local responsável, contribuindo para um modelo de desenvolvimento mais competitivo e inclusivo.

Mais do que um polo produtivo, a Bahia se afirma como um lugar possível para impulsionar novas possibilidades de crescimento econômico e inserção internacional. ■

> *"A Bahia se afirma como um lugar possível para impulsionar novas possibilidades de crescimento econômico e inserção internacional."*





CONEXÕES QUE TRANSFORMAM: A IMPORTÂNCIA DA BAHIA NO CONTEXTO DA AVIAÇÃO BRASILEIRA

Julio Ribas *- CEO da VINCI Airports no Brasil*

Encerrar 2025 com mais de 8 milhões de passageiros em Salvador não foi apenas uma marca expressiva, mas um sinal claro de que a Bahia (re)conquistou um espaço estratégico no mapa da aviação nacional e internacional. Somos, hoje, um hub de conectividade, capaz de aproximar o Brasil do mundo e o mundo do Brasil.

A aviação é, por essência, um vetor de desenvolvimento. Cada nova rota aberta significa mais brasileiros tendo acesso a viagens, mais turistas chegando, mais negócios acontecendo. E Salvador, pela sua localização privilegiada, está no epicentro desse movimento. Somos a porta de entrada do Nordeste, voltados para o Atlântico, com ligações diretas para a Europa e a América Latina. Essa geografia nos favorece, mas não explica tudo.

O que realmente sustenta este crescimento é a soma de esforços. Governo estadual, prefeitura e setor privado têm trabalhado em sintonia para promover o destino Bahia. Essa parceria tem resultado em mais voos, mais conexões e mais oportunidades. A Gol, por exemplo, consolidou dois bancos de conexões em Salvador, sendo o mais recente inaugurado em março de 2026, o que significa que passageiros de diferentes regiões do país podem se conectar aqui com maior facilidade, ampliando o alcance da nossa malha aérea.





"O Aeroporto de Salvador reforça seu papel como porta de entrada do Nordeste para o mundo."

Os esforços também são sentidos quando voltamos o olhar para o turismo internacional. Em 2025, segundo dados da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), o aeroporto da capital baiana assumiu a liderança dentre os terminais que mais receberam passageiros internacionais no Norte e Nordeste. Os números refletem os esforços contínuos para consolidar o Aeroporto de Salvador como um importante hub regional na conectividade internacional.

Esse papel é resultado de importantes conquistas, como o início da operação da Air France, conectando a capital baiana diretamente a mais de 160 cidades no mundo, na Europa, África e Ásia. A Air Europa, por sua vez, opera com três frequências semanais para o Aeroporto de Madri, enquanto a TAP Air Portugal mantém voos diários para Lisboa. O principal destino internacional do Aeroporto de Salvador, no entanto, segue sendo a Argentina, que registrou crescimento de 74% na oferta de assentos durante a alta temporada de verão.

A retomada dos voos diretos da Copa Airlines, ligando Salvador à Cidade do Panamá, reconecta a capital baiana



ao Hub das Américas®, no Panamá. Iniciada em janeiro, a operação oferece aos viajantes do estado uma das opções mais eficientes para alcançar mais de 80 destinos nas Américas. Com isso, o Aeroporto de Salvador reforça seu papel como porta de entrada do Nordeste para o mundo, impulsionando a atração de investimentos e a articulação com o trade, além de gerar mais oportunidades para a Bahia e outros estados da região. Essas conquistas evidenciam a força do alinhamento estratégico e os resultados dos esforços conjuntos do Salvador Bahia Airport com a prefeitura, o Governo do Estado e o trade turístico.

Qualquer conquista internacional perpassa por uma malha doméstica bem estruturada. Além do novo hub de conexões noturnas da GOL, em agosto, Salvador volta a ter um voo direto para Teresina, passando a se conectar com todas as capitais do Nordeste, se consolidando como um dos principais impulsionadores da conectividade regional – seja para negócios ou turismo.

Os impactos são concretos. Mais destinos, diversidade de horários e uma experiência de viagem mais abrangente. Para o turismo, representa mais visitantes circulando pela cidade, movimentando hotéis, restaurantes e toda a cadeia produtiva. Para a economia, traduz-se em empregos, investimentos e renda.

Além do destaque em conectividade, o Salvador Bahia Airport também é referência em sustentabilidade. Em novembro, o aeroporto se tornou o primeiro do Brasil a alcançar o Nível 5 da Airport Carbon Accreditation (ACA), o mais alto reconhecimento mundial em gestão de carbono para aeroportos.

A conquista é resultado de um trabalho consistente, que transforma discurso em prática e consolida um modelo operacional mais sustentável. Entre as iniciativas, destacam-se a compensação de emissões residuais com projetos certificados de remoção de carbono, o uso exclusivo de energia 100% renovável em todas as operações e a geração de energia solar em duas usinas fotovoltaicas.

> *"A Bahia não é apenas um destino turístico de excelência. É hoje um ponto estratégico para o futuro da aviação brasileira."*

A Bahia não é apenas um destino turístico de excelência. É hoje um ponto estratégico para o futuro da aviação brasileira. Os números de 2025 mostram que estamos no caminho certo, mas também nos desafiam a seguir ampliando rotas e fortalecendo parcerias com responsabilidade. Nosso compromisso é impulsionar uma mobilidade mais positiva, garantindo que o transporte aéreo seja cada vez mais democrático, e colocando Salvador e a Bahia no centro das atenções do modal aéreo nacional e internacional. ■


NADA PODE PARAR
UMA CIDADE QUE
SE PREPAROU
PARA CRESCER.
PLANO DE
EXPANSÃO
INDUSTRIAL
ALAGOINHAS É UMA DAS CIDADES MAIS COMPETITIVAS DO NORDESTE, SEGUNDO O RANKING DE COMPETITIVIDADE DOS MUNICÍPIOS. ISSO É RESULTADO DE UM TRABALHO ESTRATÉGICO FEITO PELA PREFEITURA E COM O PLANO DE EXPANSÃO INDUSTRIAL, O GOVERNO MUNICIPAL ESTÁ AMPLIANDO E ORGANIZANDO ÁREAS INDUSTRIAIS ESTRATÉGICAS, CRIANDO CONDIÇÕES DE COMPETITIVIDADE E TORNANDO ALAGOINHAS MAIS ATRATIVA PARA NOVOS EMPREENDIMENTOS.
É ASSIM QUE A CIDADE CRESCE JUNTO COM AS EMPRESAS E AS EMPRESAS CRESCEM JUNTO COM A CIDADE.
PREFEITURA
ALAGOINHAS
Alagoinhas daqui pra frente



INOVAÇÃO É O QUE NOS MOVE

Frederico Dominguez *- Gerente Nacional de Marketing na São Braz*

A trajetória da São Braz teve início em 1951, a partir da visão e do espírito empreendedor do nosso fundador, o sr. José Carlos da Silva Junior. Ele expandiu o pequeno comércio da família, dando origem à José Carlos e Filho, predecessora da São Braz que conhecemos hoje. Ao longo das décadas, a marca construiu uma identidade sólida sobre dois pilares que se reforçam mutuamente: a tradição como alicerce de confiança e a inovação como vetor de crescimento.

O sr. José Carlos nos deixou em 2021, mas ficou um legado que tornou a São Braz referência na indústria de alimentos no Nordeste. Sua visão extraordinária para oportunidades, a criatividade e a capacidade de realização permitiram que, de Campina Grande, a empresa crescesse para levar produtos de qualidade para a mesa de milhões de lares brasileiros.

A lição central desse percurso é que o crescimento sustentável se constrói com qualidade, confiança e relações duradouras, valores que permanecem vivos nas práticas comerciais, no cuidado com o produto e no relacionamento com milhares de clientes ativos e milhões de consumidores que levam nossos produtos para casa todos os dias. Hoje, conduzida pela segunda geração da família, preserva os valores do fundador sem abrir mão da modernização contínua de processos, portfólio e infraestrutura.

Essa combinação é o que permite à São Braz ser reconhecida tanto como uma marca querida pelo consumidor nordestino quanto como uma indústria de alta qualidade e reputação impecável.

> *"Reafirmando nosso compromisso com o desenvolvimento econômico e social da região Nordeste."*



Tecnologia e sabor na mesa e na vida das pessoas

Essa posição de vanguarda é o resultado de investimentos concretos em tecnologia de processo.

A São Braz conta com mais de 12 linhas industriais centralizadas na unidade de Cabedelo, na Paraíba, considerada atualmente uma das mais modernas unidades fabris da América Latina. A empresa possui ainda uma unidade industrial em Itatiba (SP), onde fabrica insumos para diversas outras indústrias de alimentos. Em 2025, expandiu para a Bahia, marcando um novo e importante capítulo na história da São Braz: com mais de R$ 300 milhões, foi o maior investimento da empresa em mais de 70 anos, reafirmando nosso compromisso com o desenvolvimento econômico e social da região Nordeste.

No café, desenvolvemos tecnologia própria de blendagem, com torra realizada em separado para cada tipo de grão, respeitando o perfil sensorial de cada variedade. O processo utiliza torra em leito fluidizado, que evita o contato dos grãos com superfícies quentes e preserva os aromas e a qualidade final da bebida – um diferencial técnico que pouquíssimas torrefadoras no Brasil dominam nesse nível industrial.

Já no milho, os moinhos das unidades de Cabedelo e da Bahia operam com tecnologia suíça Bühler, a maior fabricante de moinhos do mundo, com controles de precisão que garantem granulometria constante e rastreabilidade total do processo. As linhas de cereais matinais seguem o mesmo padrão de excelência tecnológica, com equipamentos que asseguram textura, expansão e qualidade nutricional, lote a lote.

Todo esse parque fabril é sustentado por um laboratório de controle de qualidade bem estruturado, que acompanha cada etapa da produção. A evolução mais recente nessa frente é a incorporação de inteligência artificial na manutenção preditiva: sistemas que monitoram continuamente o comportamento dos equipamentos, antecipam possíveis não conformidades e permitem in-



Acervo São Braz

"O verdadeiro desafio está em compreender o tamanho de cada ciclo para agir no momento certo."

tervenção preventiva antes que qualquer problema afete o produto ou a linha de produção. É a indústria 4.0 aplicada com responsabilidade e foco no consumidor.

Um dos exemplos mais expressivos dessa postura, que já é um case no mercado, é o Pippos Vitaminado. Produzido em extrusoras de altíssima qualidade, o produto se destaca pela textura e pelo sabor excepcionais e incorpora um mix de vitaminas desenvolvido especialmente para a São Braz, que se adapta perfeitamente ao processo produtivo e preserva os aromas característicos do produto. Essa capacidade de vitaminar snacks sem comprometer a experiência sensorial representa um diferencial tecnológico real, não apenas uma promessa de embalagem.

Inovação: portfólio diverso com visão de futuro sustentável

Em nosso segmento, inovação anda de braços dados com a tradição. A São Braz atua com um portfólio de mais de 200 itens alimentícios. Além do café, operamos um mix diversificado que inclui barras de cereais, cereal extrusado Tuffit, canjiquinha, cereais matinais, farinha de milho, salgadinhos Pippos (referência na região), batatas fritas, cafés solúveis, cafés em cápsula, cappuccino, granolas, achocolatado, amendoim, castanha, tortilha, entre outros.

Essa amplitude de portfólio, combinada ao compromisso com a entrega do produto por meio de uma operação logística que integra frota própria e prestadores de serviço terceirizados, garante presença capilar em todo o Nordeste e assegura que a qualidade chegue ao ponto de venda com a mesma consistência que sai da fábrica.

O café é hoje reconhecido como um excelente pré-treino. Já a farinha de milho é um produto sem glúten com alta concentração de energia. Por sua vez, a aveia entrega fibras e equilíbrio dietético comprovados. São produtos que, mesmo sem estar no hype do momento, são e continuarão sendo eixo central da alimentação dos brasileiros. Essa consistência é, ela mesma, uma forma de inovar com responsabilidade.

Estamos em permanente pesquisa para trazer ao consumidor as tendências que ele busca. A São Braz possui diversos itens em desenvolvimento, sobre os quais não é possível detalhar no momento, mas que refletem o compromisso de antecipar movimentos de mercado com rigor técnico.

Afinal, qualidade pressupõe conhecimento profundo do contexto em que um negócio está inserido. Entender a alma do consumidor, reconhecer que cada estado do Nordeste tem suas características próprias e que essas diferenças podem ser ainda mais granulares: o sertão possui uma identidade, o agreste outra, o litoral tem a sua. Fabricar alimentos de altíssima qualidade e, sobretudo, saborosos, aliados à expertise sobre o mercado em que atuamos, são as ferramentas com que a São Braz compete em qualquer cenário.

E a comunicação ocupa um papel fundamental nesta equação. Temos uma visão 360 graus, buscando entender os novos tempos de dispersão da atenção e estarmos presentes nas mídias em que nosso consumidor transita. O objetivo é que a marca esteja em todos os pontos relevantes da jornada do consumidor, do momento em que ele acorda até a hora em que decide o que colocar na mesa.

A São Braz também acompanha atentamente a migração do relacionamento para os canais digitais, adaptando ferramentas e processos de atendimento para estar onde o consumidor espera ser ouvido. A campanha Pippos Vitaminado é o exemplo mais recente e contundente da integração entre inovação e comunicação. Com um jingle que evoca afeto geracional e uma versão gravada com músicos baianos para a expansão no estado, a campanha conecta produto, território e emoção de forma eficaz.

Entendemos que as tendências são cíclicas, e que o verdadeiro desafio está em compreender o tamanho de cada ciclo para agir no momento certo. Compreender o consumidor e as mudanças geracionais é parte essencial desse processo. O desafio é estar sempre equilibrando a inovação com a permanência da qualidade na linha tradicional, garantindo que os produtos que conquistaram gerações continuem sendo relevantes enquanto novos produtos dialogam com os novos tempos.

Por isso, o legado da São Braz é o de uma empresa que provou que o Nordeste pode produzir com excelência de classe mundial, que gerou empregos, movimentou economias locais e levou sabor e qualidade às mesas de milhões de brasileiros. ■

propeg

TÁ FALTANDO
INOVAÇÃO?

ENCONTRE NOVAS FORMAS DE SE DESTACAR NO MERCADO. CONTE COM O SEBRAE.



O Sebrae Bahia apoia quem empreende para que inove na prática. Com instruções de profissionais e acesso a novas soluções, você encontra caminhos para se diferenciar e crescer com mais competitividade.

Consultoria, capacitação e orientação empresarial.

Vem pro Sebrae. O próximo passo do seu negócio é aqui.

SEBRAE
www.sebrae.com.br 0800 570 0800
@SebraeBahia



Acervo Statkraft

HÍBRIDOS: A NOVA FRONTEIRA DA GERAÇÃO RENOVÁVEL — E A OPORTUNIDADE ESTRATÉGICA DA BAHIA

Rafael Knop *- Vice-Presidente de Assuntos Corporativos da Statkraft Brasil*

A transição energética deixou de ser apenas uma agenda ambiental para se consolidar como um dos principais vetores de competitividade econômica no século XXI. Em um cenário global marcado por pressão por descarbonização, segurança energética e eficiência de custos, o Brasil reúne condições singulares para liderar essa transformação. E, dentro dessa nova dinâmica, os projetos híbridos despontam não apenas como uma inovação tecnológica, mas como uma evolução do setor elétrico.

Ao combinar diferentes fontes renováveis, especialmente solar e eólica, e, cada vez mais, soluções de armazenamento, esses empreendimentos respondem simultaneamente a três desafios centrais: ampliar a oferta de energia limpa, reduzir custos operacionais e aumentar a confiabilidade da geração.

Dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) indicam que os projetos híbridos podem adicionar entre 10 e 15 GW à matriz elétrica brasileira até 2030, com potencial de gerar economias entre R$ 20 bilhões e R$ 30 bilhões. Esses ganhos decorrem, sobretudo, da otimização da infraestrutura existente e da redução da necessidade de investimentos em transmissão, historicamente um dos principais gargalos do setor.

Esse movimento ganha ainda mais relevância quando analisado dentro do atual estágio da matriz brasileira. Dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) e da Agência

> *"Os projetos híbridos podem adicionar entre 10 e 15 GW à matriz elétrica brasileira até 2030."*



Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) indicam que, em 2025, o Brasil ultrapassou 215 GW de capacidade instalada, com cerca de 84% provenientes de fontes renováveis. A energia solar já supera 48 GW, enquanto a eólica se aproxima de 30 GW.

É justamente nesse ponto que os projetos híbridos deixam de ser uma aposta e passam a representar uma necessidade. A complementaridade entre vento e sol, particularmente evidente no Nordeste, permite uma geração mais estável ao longo do dia e das estações, aumentando a previsibilidade do sistema.

Em um sistema com alta penetração de renováveis, o *curtailment* torna-se um desafio crescente. Nesse contexto, os projetos híbridos assumem papel estratégico ao combinar fontes complementares, otimizar o uso da infraestrutura e suavizar a curva de geração. O resultado é uma redução direta das perdas e um uso mais eficiente da energia produzida.

A Bahia sintetiza esse potencial. Combinando alta irradiação solar, ventos consistentes e disponibilidade territorial, o Estado se consolida como um dos principais pólos da nova geração renovável brasileira. Mais do que isso, posiciona-se como um hub estratégico para a atração de investimentos industriais em setores intensivos, como a energia, que busca avançar em suas agendas de descarbonização.

> *"Ao permitir o armazenamento de energia e sua utilização em momentos de maior demanda ou menor geração."*

É nesse contexto que a atuação da Statkraft no Brasil ganha relevância estratégica. Com uma trajetória de expansão consistente, a empresa soma 2,3 GW de capacidade instalada no país e passou a figurar entre os principais geradores de energia renovável, combinando fontes hídricas, eólicas e solares. Em 2024, esse posicionamento foi reforçado com a inauguração dos complexos Santa Eugênia e Morro do Cruzeiro, na Bahia, este último como uma extensão do Complexo Eólico de Brotas de Macaúbas, ativos que, além de ampliarem a capacidade de geração, representam um avanço concreto na implementação de projetos híbridos.

A integração entre os parques eólicos e as novas plantas solares desses complexos, inaugurados durante a COP30, em novembro de 2025, materializa, na prática, o conceito de complementaridade energética. Ao compartilhar infraestrutura e otimizar o uso do território, esses projetos elevam a eficiência operacional, reduzem custos e contribuem para a estabilidade do sistema elétrico.

Esse movimento é reforçado por iniciativas de inovação tecnológica dentro do próprio complexo de Brotas de Macaúbas. Em 2024, a Statkraft iniciou o projeto Seabra Partial Repowering, voltado à modernização de seus ativos e à otimização da geração eólica na região. A iniciativa prevê a substituição de turbinas por aerogeradores de última geração, como o modelo AGW172/7.0 MW, com rotor de 172 metros, capaz de ampliar o aproveitamento dos ventos, reduzir custos operacionais e aumentar a confiabilidade da geração.

Mais do que um ganho pontual de eficiência, o *repowering* reforça a lógica dos projetos híbridos: extrair mais valor de uma mesma base de ativos e infraestrutura. Ao modernizar parques existentes e integrá-los a novas tecnologias, como geração solar e,



Gemini.google.com

potencialmente, armazenamento, a companhia avança em um modelo de operação mais flexível, eficiente e alinhado às demandas do sistema elétrico contemporâneo.

Além dos ganhos operacionais, iniciativas como essa também impulsionam o desenvolvimento local, com a contratação de mão de obra regional e a promoção de capacitação técnica, ampliando o impacto positivo dos projetos nas comunidades do entorno.

Esse movimento está alinhado à própria estratégia da companhia, que passou a intensificar o desenvolvimento de projetos híbridos como resposta às transformações do setor. Segundo o Relatório de Sustentabilidade 2024, a empresa tem direcionado esforços para integrar tecnologias complementares, garantindo maior flexibilidade, resiliência e previsibilidade na geração.

Outro vetor relevante dessa evolução é a incorporação de tecnologias de armazenamento, como os sistemas BESS (Battery Energy Storage System), usado pela primeira vez no híbrido de Santa Eugênia. Ao permitir o armazenamento de energia e sua utilização em momentos de maior demanda ou menor geração, essas soluções ampliam a confiabilidade

> *"Mais de R$15 milhões em iniciativas ambientais e R$2,6 milhões em ações sociais."*

do sistema e adicionam uma camada essencial de flexibilidade operacional, um atributo cada vez mais valorizado em mercados com alta penetração de renováveis.

Do ponto de vista econômico, os projetos híbridos também representam uma resposta eficiente a um desafio estrutural do setor: o custo de capital. Ao compartilhar conexão à rede, linhas de transmissão e estruturas operacionais, esses empreendimentos aumentam a eficiência dos ativos e melhoram o retorno sobre investimento, fator decisivo em um ambiente de crescente competição por financiamento.

Mas talvez o aspecto mais relevante dessa transformação seja sua perspectiva integrada. Os projetos híbridos sintetizam uma sinergia rara entre eficiência econômica, inovação tecnológica e impacto socioambiental positivo. Ao reduzir a necessidade de novas áreas, minimizar impactos ambientais e promover o desenvolvimento de cadeias produtivas locais, esses empreendimentos contribuem para uma expansão energética mais equilibrada.

No caso da Statkraft, esse compromisso se traduz também em investimentos socioambientais, mais de R$15 milhões em iniciativas ambientais e R$2,6 milhões em ações sociais apenas em 2024, reforçando o papel da transição energética como vetor de desenvolvimento regional.

Há, portanto, uma mudança clara de paradigma em curso. Se, no passado, a expansão da matriz elétrica era orientada principalmente pela adição de capacidade, o futuro passa a ser definido pela inteligência na integração de recursos. Nesse novo modelo, gerar energia limpa já não é suficiente: é preciso gerar melhor, com mais eficiência, previsibilidade e menor custo operacional.

Os projetos híbridos são a materialização dessa lógica. E, ao avançar de forma consistente nessa agenda, a Statkraft não apenas acompanha uma tendência, como ajuda a desenhar a próxima etapa da transição energética brasileira. Uma etapa que, ao que tudo indica, terá a Bahia e a integração entre diferentes fontes como protagonistas. ■

Em marco *histórico*,

CS Portos inicia **embarque inédito** de granéis vegetais no **terminal ATU 18**, em Aratu

Com investimento superior a R$ 400 milhões, operação quebra jejum de 51 anos no porto baiano e abre nova rota de escoamento para o agronegócio do Estado com o embarque de 35 mil toneladas de sorgo.

O Porto de Aratu-Candeias, na Região Metropolitana de Salvador, vivencia um novo capítulo em sua trajetória logística. Pela primeira vez em seus 51 anos de funcionamento, **o complexo portuário iniciou a movimentação de granéis vegetais**, uma operação liderada pela CS Portos no terminal ATU 18. O marco histórico foi consolidado na primeira quinzena de março com a **atracação do primeiro navio destinado ao embarque de 35 mil toneladas de sorgo**, carga originária do Oeste da Bahia.

A engrenagem do ATU 18, terminal operado pela empresa do **Grupo SIMPAR**, começou a girar oficialmente no dia 2 de fevereiro de 2026, **com o início das operações logísticas de recepção rodoviária**. A nova estrutura de armazenagem conta com **quatro silos de grande capacidade, comportando 30 mil toneladas cada**. Segundo a CS Portos, os investimentos em revitalização, tecnologia e modernização do local ultrapassaram a marca de **R$ 400 milhões**.

A chegada do navio para o carregamento do sorgo simboliza a conclusão do ciclo logístico com máxima eficiência. ***"É um novo capítulo para o terminal, que amplia sua relevância estratégica ao incorporar uma operação voltada ao escoamento da produção agrícola"***, afirma o diretor-presidente da CS Portos, Marcos Tourinho.

O executivo destaca que os recursos aplicados pela companhia traduzem uma visão de longo prazo para tornar ativos de infraestrutura nacional mais modernos e competitivos.

História

Criado na década de 1970 com foco prioritário no atendimento às **indústrias petroquímica e mineral**, o Porto de Aratu diversifica agora seu perfil de atuação de maneira estrutural. Para o agronegócio baiano, o funcionamento pleno do terminal representa uma alternativa logística fundamental, capaz de encurtar distâncias e reduzir custos de transporte até o corredor de exportação.

A **expectativa para este primeiro ano** de operação do ATU 18 **é movimentar até 3 milhões de toneladas** de granéis vegetais (como soja, milho e sorgo), com projeções de alcançar 7,5 milhões de toneladas anuais após expansões futuras. Antônio Gobbo, presidente da Autoridade Portuária Federal (CODEBA), ressalta o impacto da obra para toda a região: "**Projetamos para que o Porto de Aratu alcance a maior movimentação de sua história.** Todo esse investimento reduzirá o tempo e os custos das operações e deve gerar um acréscimo de mais de 20% de movimentação de cargas".

Com equipamentos de última geração, sistemas de esteiras automatizadas e inteligência aplicada na relação de calado e maré, o terminal ATU 18 não apenas resolve gargalos históricos, **mas se consolida como um polo transformador para o desenvolvimento econômico da Bahia**.



csportoaratu.com.br

CS Portos

Uma empresa CS Infra

Uma empresa do Grupo SIMPAR

SAÚDE COMO VETOR DE DESENVOLVIMENTO: O CUIDADO QUE IMPULSIONA A ECONOMIA



Agnaluce Moreira *- Gestora Regional do Grupo Sabin na Bahia*

Como a saúde deixou de ser custo e passou a ocupar um papel estratégico no crescimento econômico, impulsionando produtividade, inovação e novos modelos de cuidado.

Durante muito tempo, a saúde foi tratada como custo. Um centro de despesa necessário, mas distante das decisões estratégicas que moldam o crescimento econômico.

Hoje, essa visão não apenas mudou. Ela se tornou insustentável.

Em um cenário global marcado por transformações profundas, a saúde passa a ocupar um papel central no desenvolvimento das nações. Mais do que garantir qualidade de vida, ela influencia diretamente produtividade, inovação, geração de empregos e competitividade.

No ambiente empresarial, esse movimento é claro. Depois da folha de pagamento, a saúde já figura entre os principais custos das organizações. Mas o que antes era visto apenas como pressão financeira hoje se revela como uma grande oportunidade de eficiência, sustentabilidade e valor.

Empresas que cuidam melhor das pessoas são mais produtivas, mais engajadas e mais preparadas para o futuro.

Nesse contexto, falar de saúde é falar de economia.

A Bahia vive um momento especialmente promissor. O estado vem consolidando sua posição como um polo relevante na área da saúde, com expansão da rede privada, atração de investimentos e crescimento de serviços cada vez mais qualificados. Esse movimento não apenas fortalece o setor, mas impulsiona cadeias produtivas, gera empregos e amplia o acesso a soluções mais modernas.

Um aspecto que merece destaque é o potencial da Bahia para o turismo em saúde. A combinação entre estrutura assistencial, profissionais qualificados, localização estratégica e a própria vocação natural do estado para acolher cria um ambiente extremamente favorável para o desenvolvimento desse segmento. Integrar saúde e turismo não apenas mo-





"Hospitais, clínicas e laboratórios começam a entender que eficiência ambiental e excelência assistencial caminham lado a lado."

vimenta a economia, mas posiciona a Bahia como um destino que alia cuidado, bem-estar e experiência.

Ao mesmo tempo, a transformação do cuidado ganha uma nova lógica. Modelos baseados em atenção primária estruturada, centros de saúde digital e soluções por assinatura trazem uma abordagem mais contínua, coordenada e acessível.

A atenção primária, quando bem estruturada, atua diretamente na redução da alta complexidade. Ao acompanhar o paciente de forma próxima, identificar riscos precocemente e organizar o cuidado, ela evita desfechos mais graves, reduz internações e melhora a eficiência de todo o sistema.

Ao incorporar abordagens preventivas e preditivas, esse modelo deixa de atu-



ar apenas quando a doença já está instalada e passa a antecipar movimentos, promovendo saúde de forma ativa.

Isso muda tudo.

De um cuidado pontual para um cuidado contínuo. De uma lógica de intervenção para uma lógica de acompanhamento.

Cuidar deixa de ser um evento isolado e passa a ser uma jornada.

Não se trata mais de olhar a saúde em um único momento do ano, em um check-up. Trata-se de cuidar das pessoas todos os dias. De construir um modelo que esteja presente nos 365 dias, apoiando decisões, prevenindo riscos e promovendo bem-estar de forma consistente.

Essa mudança tem impacto direto na qualidade de vida e também na sustentabilidade econômica dos sistemas.

A tecnologia tem papel fundamental nesse avanço. A inteligência artificial, especialmente na medicina diagnóstica e na análise de dados, amplia a capacidade de decisão e permite uma visão mais precisa, personalizada e antecipada do cuidado.

Mas existe um ponto essencial que precisa ser preservado: a relação.

A inteligência artificial não substitui profissionais. Ela amplia a capacidade daqueles que sabem utilizá-la com inteligência, sensibilidade e responsabilidade.

O profissional do futuro será aquele que une repertório técnico com capacidade de conexão. Que entende dados, mas também entende pessoas. Que entrega eficiência, mas constrói confiança.

Em um ambiente cada vez mais tec-

> *"A saúde, quando pensada de forma integrada — entre meio ambiente, bem-estar e desenvolvimento — torna-se o motor mais poderoso de transformação social."*

nológico, a habilidade de se relacionar deixa de ser um diferencial e passa a ser essencial.

Porque, no fim, cuidar também é saber se conectar.

Essa construção exige formação, desenvolvimento e ambientes que estimulem troca e visão estratégica. Iniciativas que conectam lideranças, promovem diálogo e incentivam inovação contribuem diretamente para a evolução do setor e para a preparação desse novo profissional.

Outro ponto fundamental está na capacidade de integração. A conexão entre iniciativas privadas, estruturas institucionais e o uso inteligente da tecnologia permite ampliar acesso, ganhar eficiência e acelerar soluções. Quando existe alinhamento de propósito e clareza de atuação, essa articulação deixa de ser complexa e passa a ser estratégica.

Ao mesmo tempo, a longevidade da população traz uma nova dimensão para o cuidado. Viver mais exige viver melhor. Isso demanda sistemas preparados para acompanhar jornadas mais longas, com foco em autonomia, qualidade de vida e bem-estar ao longo do tempo.

Esse cenário reforça a necessidade de modelos sustentáveis, integrados e centrados no cuidado contínuo.

Ao olhar para frente, fica evidente que estamos vivendo a consolidação de uma economia que valoriza o cuidado, a longevidade e a qualidade das relações como ativos centrais. A chamada economia da vida já não é uma tendência. É uma construção em curso.

E a Bahia reúne atributos únicos para ocupar um papel de protagonismo nesse cenário.

Mais do que acompanhar mudanças, temos a oportunidade de liderar transformações. De construir modelos mais inteligentes, mais humanos e mais sustentáveis.

Porque o desenvolvimento não se mede apenas por indicadores econômicos.

Se mede pela forma como uma sociedade cuida das pessoas.

E quando o cuidado é tratado com inteligência, consistência e visão de longo prazo, ele deixa de ser apenas impacto social.

Ele se torna força econômica.

Sustenta o presente. E, principalmente, constrói o futuro.

E talvez esse seja o maior movimento do nosso tempo: entender que cuidar de pessoas é, ao mesmo tempo, propósito, estratégia e caminho de desenvolvimento. ■






Plantar para não faltar

MADEIRA PLANTADA E SEUS DIVERSOS USOS

O setor de base florestal produz e processa madeira para diversos setores, a exemplo da construção civil, papel e celulose, metalúrgica, energia (biomassa, carvão vegetal etc.), secagem de grãos do agronegócio, móveis, entre outros.

A área com florestas plantadas no Brasil ocupa apenas 1% da área do país, mas é responsável por 95% de toda a madeira produzida para fins industriais.

Além disso, os plantios florestais contribuem para a preservação das matas nativas, para a mitigação de mudanças climáticas e provém outros serviços ecossistêmicos interessantes, com conversação de solo, água e da biodiversidade.



ABAF
Associação Baiana das Empresas de Base Florestal

71 3342.6102 www.abaf.org.br administrativo@abaf.org.br
Av. Professor Magalhães Neto, 1752 - Ed. Lena Empresarial, sala 207 - Pituba, 41810-012 Salvador, Bahia
http://issuu.com/abaf_2014 @abaf.bahia

ASSOCIADOS:



INFRAESTRUTURA E DESENVOLVIMENTO: OS AVANÇOS ESTRATÉGICOS DE SALVADOR

Julio Santos *- Secretário Municipal de Infraestrutura e Obras Públicas de Salvador (SEINFRA)*

Em entrevista exclusiva à Revista Bahia Econômica, o secretário municipal de Infraestrutura e Obras Públicas de Salvador, Julio Santos, apresenta uma visão abrangente e estratégica sobre o papel transformador da infraestrutura urbana no desenvolvimento da capital baiana. Em um cenário global marcado por competitividade crescente entre cidades, Salvador avança com projetos estruturantes, inovação tecnológica e compromisso com a sustentabilidade, consolidando-se como um ambiente cada vez mais atrativo para investimentos e oportunidades.

Ao longo da entrevista, o secretário detalha iniciativas que integram mobilidade, inclusão social, resiliência climática e dinamização econômica, evidenciando como o planejamento orientado a resultados tem sido determinante para transformar obras em legados duradouros. Mais do que intervenções físicas, a infraestrutura surge como instrumento de equilíbrio social, valorização urbana e construção de uma cidade mais moderna, inteligente e preparada para o futuro.

Secretário, dentro do contexto da nova ordem mundial e da crescente competitividade entre cidades globais, como o senhor avalia o papel da infraestrutura urbana de Salvador como vetor de desenvolvimento econômico e atração de investimentos?

A infraestrutura urbana ocupa hoje uma posição central na estratégia de desenvolvimento de Salvador. Mais do que viabilizar obras, ela funciona como um instrumento estruturante para organizar o território, reduzir desigualdades e criar um ambiente favorável à atração de investimentos. Ao longo dos últimos anos, a cidade recuperou sua capacidade fiscal e consolidou uma cultura de planejamento orientada a resultados, o que permitiu transformar projetos em entregas concretas. Nesse contexto, a infraestrutura deixa de ser apenas um fim em si mesma e passa a atuar como catalisadora do desenvolvimento econômico, ao garantir mobilidade eficiente, segurança jurídica e maior previsibilidade para investidores.

Salvador é uma das principais capitais do Nordeste e porta de entrada internacional da Bahia. Que obras estru-

> *"O expressivo investimento na recuperação do Centro Histórico, que já ultrapassa R$ 1,5 bilhão."*


SECOM

"A cidade tem incorporado soluções voltadas à mitigação de riscos climáticos."

turantes o senhor destacaria como fundamentais para fortalecer a competitividade global da cidade nos próximos anos?

Salvador vem executando um conjunto consistente de obras estruturantes que reposicionam a cidade no cenário nacional e internacional. Destacam-se a implantação do sistema BRT, a requalificação de corredores viários estratégicos e projetos de urbanização integrada, como o Novo Mané Dendê, que alia infraestrutura urbana à inclusão social. Soma-se a isso o expressivo investimento na recuperação do Centro Histórico, que já ultrapassa R$ 1,5 bilhão, contribuindo para fortalecer o turismo, a economia criativa e a valorização do patrimônio cultural. Essas iniciativas, combinadas, elevam a competitividade da cidade ao melhorar sua infraestrutura logística, urbana e econômica.

A logística e a mobilidade urbana são fatores decisivos para a integração econômica. Como a Secretaria tem trabalhado para melhorar a fluidez do trânsito, a integração entre modais e a conexão entre áreas estratégicas da cidade?

A mobilidade urbana tem sido tratada como prioridade estratégica, com intervenções que já apresentam resultados concretos. Hoje, Salvador registra um tempo médio de deslocamento inferior ao de outras grandes capitais brasileiras, reflexo direto de investimentos em corredores exclusivos, integração modal e requalificação da malha viária. Esse conjunto de ações tem promovido maior fluidez no trânsito, melhorando não apenas o deslocamento das pessoas, mas também a eficiência logística da cidade, aspecto fundamental para o desenvolvimento econômico.

De que forma os projetos de infraestrutura dialogam com o setor produtivo — especialmente comércio, turismo, serviços e indústria criativa — para impulsionar o crescimento sustentável da capital baiana?

Os projetos de infraestrutura têm sido concebidos de forma integrada com as dinâmicas do setor produtivo. Intervenções urbanas qualificam espaços, ampliam a circulação de pessoas e estimulam atividades econômicas, especialmente nos setores de comércio, turismo, serviços e economia criativa. Ao mesmo tempo, a urbanização de áreas historicamente vulneráveis promove inclusão produtiva e fortalece economias locais, gerando um ciclo virtuoso entre investimento público, desenvolvimento territorial e dinamização econômica.

O mundo discute cada vez mais o conceito de cidades resilientes. Como Salvador vem se preparando, do ponto de vista da engenharia pública, para enfrentar desafios climáticos, como chuvas intensas, elevação do nível do mar e eventos extremos?

A agenda de resiliência urbana tem orientado de forma crescente o planejamento e a execução das obras públicas em Salvador. A cidade tem incorporado soluções voltadas à mitigação de riscos climáticos, como a ampliação de sistemas de drenagem, obras de contenção de encostas e o uso de critérios técnicos mais rigorosos no ordenamento territorial. O Planejamento Estratégico reconhece as mudanças climáticas como um dos principais desafios contemporâneos e estabelece diretrizes para que a cidade se torne mais preparada para enfrentar eventos extremos, como chuvas intensas e elevação do nível do mar.

Em relação à agenda verde, quais diretrizes orientam os novos projetos para garantir que crescimento urbano e sustentabilidade caminhem juntos?

A sustentabilidade é um princípio transversal que orienta os novos projetos de infraestrutura. Isso se traduz

na adoção de soluções baseadas na natureza, na busca por eficiência energética, na preservação ambiental e na promoção de um crescimento urbano equilibrado. O objetivo é assegurar que o desenvolvimento da cidade ocorra de forma responsável, conciliando expansão urbana com proteção dos recursos naturais e melhoria da qualidade de vida da população.

Nos últimos anos, parte da população tem manifestado preocupação com intervenções em áreas verdes e com a ampliação de espaços pavimentados na cidade. Como a Secretaria equilibra a necessidade de modernização urbana com a preservação ambiental e a qualidade de vida?

A gestão municipal tem buscado um equilíbrio consistente entre a necessidade de modernização urbana e a preservação ambiental. Esse equilíbrio se concretiza por meio de intervenções que qualificam o espaço público, ampliam áreas de convivência e respeitam as características ambientais dos territórios. Trata-se de um modelo de urbanização que prioriza não apenas a eficiência das obras, mas também o bem-estar das pessoas e a sustentabilidade dos espaços urbanos.

Há planos específicos para ampliar áreas de convivência com vegetação, parques urbanos ou soluções baseadas na natureza como forma de compensação e requalificação ambiental?

Sim, há uma diretriz clara de ampliação de áreas verdes e de incorporação de soluções baseadas na natureza nos projetos urbanos. Essas iniciativas cumprem múltiplas funções: contribuem para o conforto térmico, auxiliam na drenagem urbana, reduzem impactos ambientais e promovem qualidade de vida. Além disso, fortalecem a relação da população com o espaço urbano, incentivando o uso de áreas públicas de forma mais sustentável.

A infraestrutura sustentável exige inovação. Que tecnologias vêm sendo incorporadas às obras públicas — seja em materiais, drenagem, iluminação ou monitoramento — para tornar Salvador mais eficiente e inteligente?



"Uma Salvador capaz de combinar desenvolvimento econômico com inclusão social."

A inovação tem sido incorporada de maneira progressiva nas obras públicas, seja por meio do uso de novos materiais mais duráveis e sustentáveis, seja pela adoção de sistemas mais eficientes de drenagem, iluminação e monitoramento. Essas tecnologias aumentam a eficiência dos projetos, reduzem custos ao longo do tempo e garantem maior durabilidade às intervenções, contribuindo para uma gestão mais moderna e inteligente da infraestrutura urbana.

Como a digitalização e o uso de dados têm contribuído para melhorar o planejamento, a execução e a fiscalização das obras públicas no município?

A digitalização e o uso de dados têm desempenhado papel fundamental na modernização da gestão pública. A Prefeitura vem avançando na adoção de ferramentas que permitem maior precisão no planejamento, monitoramento contínuo das metas e maior rigor na fiscalização das obras. Essa cultura orientada por dados aumenta a transparência, melhora a tomada de decisão e eleva a eficiência na execução das políticas públicas.

A infraestrutura também tem um papel social. De que maneira os investimentos em obras públicas contribuem para reduzir desigualdades, melhorar o acesso a serviços essenciais e integrar áreas historicamente menos atendidas da cidade?

A infraestrutura, em Salvador, é concebida também como política social. Programas como o Casa Legal, voltado à regularização fundiária, têm garantido segurança jurídica e dignidade para milhares de famílias. Em 2025, mais de 2.200 imóveis foram regularizados, além de quase 2.000 no Alto do Coqueirinho. Essas ações promovem inclusão urbana, valorização patrimonial e acesso a direitos, contribuindo diretamente para a redução das desigualdades.

Em termos de financiamento, quais modelos de parceria — como concessões ou PPPs — têm sido considerados para viabilizar grandes projetos estruturantes sem comprometer o equilíbrio fiscal do município?

A viabilização de grandes projetos tem sido possível graças a uma gestão fiscal responsável e à adoção de modelos diversificados de financiamento, incluindo parcerias com o setor privado e captação de recursos externos. A recuperação da capacidade de investimento da Prefeitura foi determinante para que Salvador pudesse avançar em obras estruturantes sem comprometer o equilíbrio das contas públicas.

Salvador pode se tornar uma vitrine internacional de boas práticas em engenharia urbana tropical. Que diferenciais a cidade tem para se destacar nesse cenário?

Salvador reúne características que a posicionam como referência em boas práticas de engenharia urbana em contextos tropicais. A combinação entre planejamento estratégico contínuo, capacidade de execução e integração entre políticas sociais e urbanas tem produzido resultados consistentes. A experiência acumulada na urbanização de áreas vulneráveis e na implementação de projetos de grande impacto social confere à cidade um diferencial relevante no cenário nacional e internacional.

Como a Secretaria articula seus projetos com o Governo do Estado, a União e organismos multilaterais para posicionar Salvador dentro de uma estratégia maior de desenvolvimento da Bahia?

A atuação da Secretaria ocorre de forma articulada com diferentes níveis de governo e instituições, especialmente os organismos multilaterais têm sido fundamentais para ampliar a capacidade de investimento e viabilizar projetos estratégicos. Um exemplo é a participação em programas federais que apoiam iniciativas de habitação e regularização fundiária, fortalecendo a atuação integrada em prol do desenvolvimento urbano.

Olhando para 2030 e além, que legado o senhor gostaria de deixar na infraestrutura de Salvador para que a cidade seja reconhecida não apenas pelo seu patrimônio histórico e cultural, mas também como uma capital moderna, sustentável e preparada para o futuro?

O legado que buscamos construir é o de uma cidade mais justa, moderna e resiliente. Uma Salvador capaz de combinar desenvolvimento econômico com inclusão social, infraestrutura de qualidade com sustentabilidade ambiental e planejamento com execução eficiente. Mais do que obras, queremos deixar uma cidade que funcione melhor para as pessoas — onde cada intervenção represente mais oportunidades, mais dignidade e melhor qualidade de vida para todos. ■





O FUTURO É VERDE E CULTIVADO: A REVOLUÇÃO SUSTENTÁVEL DO SETOR FLORESTAL

Wilson Andrade *- Diretor-executivo da Associação Baiana das Empresas de Base Florestal (ABAF)*

O século XXI impôs à humanidade um desafio sem precedentes: descarbonizar a economia global mantendo o desenvolvimento social e o respeito ao meio ambiente. Nesse tabuleiro geopolítico, o Brasil deixa de ser um espectador das mudanças globais para se tornar o epicentro de uma revolução verde que pulsa a partir da terra.

E o setor florestal, destaque do segmento do agronegócio, se consolida como exemplo de práticas sustentáveis e de vanguarda biotecnológica. Já promove aquilo que alguns segmentos ainda precisam acelerar: alta produtividade, competitividade e processos que resultam naturalmente em descarbonização.

O que brota do nosso solo é mais do que madeira; é a prova tangível de que a produtividade florestal é o motor mais potente para a descarbonização do planeta.

É uma revolução silenciosa e altamente eficiente, onde a engenharia florestal brasileira transforma o ciclo natural de crescimento em uma ferramenta de precisão para a captura de carbono e a oferta de bioprodutos, soluções renováveis em escala industrial.

Baseado em cultivos produtivos, principalmente, de pinus e eucalipto, o setor florestal brasileiro deixou de ser meramente um fornecedor de matéria-prima para se tornar a espinha dorsal de uma bioeconomia circular. Assim, com os avanços, o setor mostra que é possível produzir mais, emitir menos e gerar resultados econômicos.

Na Bahia, esse movimento ganha contornos ainda mais estratégicos, unindo novas áreas para plantio (o estado tem cerca de 8 milhões de hectares de áreas degradadas que necessitam ser recuperadas), produtividade de madei-

> *"Das árvores tudo se aproveita: tronco, casca, galhos, tocos, além de darem origem a outros produtos não madeireiros."*



> *"As florestas plantadas no Brasil desempenham um papel vital como sumidouros de carbono."*

ra recorde, condições edafoclimáticas favoráveis, além de interesse, inovação, alta tecnologia e capacidade de investimento das empresas.

O Escudo contra o Aquecimento: Captura e Estoque de Carbono

A física da mitigação das mudanças climáticas passa invariavelmente pela fotossíntese. As florestas plantadas no Brasil desempenham um papel vital como sumidouros de carbono. Diferente das florestas nativas em clímax, que possuem um balanço de carbono mais equilibrado, as florestas em crescimento acelerado sequestram grandes volumes de CO2 da atmosfera para transformar em biomassa.

O setor foca na recuperação de áreas degradadas, estocagem de carbono em produtos florestais (papel, painéis) e na oferta de materiais renováveis que substituem produtos fósseis.

Quando uma árvore é colhida para se tornar um produto (como papel, móveis ou estruturas de madeira), o carbono capturado permanece estocado.

Devido ao clima e à tecnologia de melhoramento genético, o Brasil possui a maior produtividade florestal do mundo. Enquanto em países do hemisfério norte um ciclo de colheita pode levar 40 anos, no Brasil ele ocorre – em média - em 7, maximizando a taxa anual de remoção de gases de efeito estufa.

As árvores são um dos mais antigos e eficientes mecanismos da natureza para manutenção da saúde do planeta. O setor é um dos maiores plantadores de árvores do mundo: são 1,8 milhão de árvores plantadas todos os dias. Atualmente, as áreas de plantio no Brasil somam 10,5 milhões de hectares e, paralelamente, o setor ainda conserva outros 7,01 milhões de hectares de vegetação nativa — uma área superior aos territórios da Bélgica e da Suíça somados.

O resultado (área de plantio e áreas de preservação) é um estoque de carbono de 4,9 bilhões de toneladas, no Brasil. Plantar árvores é uma das opções mais amigáveis para o meio ambiente e a biodiversidade. Sequestram e estocam gás carbônico, cujas altas concentrações são a principal responsável por empurrar o planeta para o aquecimento global. O carbono segue estocado na madeira ou fibra dos bioprodutos florestais em relevantes porcentagens.

Bioprodutos: A Substituição do Fóssil pelo Renovável

No Brasil são 10,5 milhões de hectares produtivos, nos quais são plantadas, colhidas e replantadas árvores para entregar biossoluções à sociedade. Das árvores tudo se aproveita: tronco, casca, galhos, tocos, além de darem origem a outros produtos não madeireiros, como essências, resinas, mel etc.

Trata-se um setor que gera mais de 5 mil bioprodutos que substituem aqueles de origem fóssil, evitando emissões de gases causadores do efeito estufa e oferecendo uma cadeia investida na circularidade. Também produz matéria-prima para diversos se-

tores produtivos, como a indústria de mineração, construção civil, energia de biomassa, movelaria, madeira serrada, papel, papelão, embalagens, celulose, tecidos, tintas, processamento de grãos etc.

A grande vantagem ambiental do setor florestal moderno reside na versatilidade da madeira. Estamos entrando na era da "lignocelulose", onde cada componente da árvore é aproveitado para substituir derivados de petróleo.

Para além do papel, a celulose baiana e brasileira abastece o mercado de embalagens sustentáveis, substituindo plásticos de uso único que levam séculos para se decompor.

A partir da biomassa florestal, avançamos para a produção de químicos verdes e combustíveis de aviação sustentáveis (SAF), essenciais para setores de difícil descarbonização.

A viscose e o liocel, fibras produzidas a partir da celulose, surgem como alternativas de baixo impacto hídrico em comparação ao algodão e de baixa emissão em relação ao poliéster sintético.

Na construção civil, o uso de CLT (Cross Laminated Timber) permite que edifícios inteiros funcionem como "cofres de carbono", substituindo o cimento e o aço, cujos processos de fabricação são altamente poluentes.

O Compromisso com o Desmatamento Zero e a Conservação

Um mito comum que precisa ser combatido é a confusão entre silvicultura e desmatamento. O setor florestal brasileiro opera sob uma lógica de Desmatamento Zero.

As empresas do setor não apenas preservam as florestas nativas existentes em suas propriedades, mas recuperam áreas degradadas por pastagens antigas para estabelecer seus plantios. No Brasil, para cada 1 hectare plantado para fins industriais, cerca de 0,7 hectare de vegetação nativa é conservado ou recuperado pelas empresas. Mas caminha para o "Compromisso Um Pra Um", onde para cada hectare de produção, as empresas mantêm outro de preservação.

Essa proporção é visível por meio dos mosaicos florestais — a intercalação de plantios de eucalipto com faixas de Mata Atlântica — que criam corredores ecológicos fundamentais para a fauna local, manutenção do solo, regulação do fluxo hídrico (protegendo nascentes) e mantendo a biodiversidade.

O Protagonismo da Bahia no Cenário Nacional

A Bahia consolidou-se como um dos principais players florestais do país. O estado possui condições edafoclimáticas excepcionais, mas o diferencial baiano reside na integração industrial.

Com grandes unidades de celulose e papel, o estado exporta valor agregado. A Bahia é um exemplo de como a indústria pode coexistir com a preservação ambiental, gerando milhares de empregos diretos (indiretos e de efeito-renda) em regiões que antes careciam de dinamismo econômico.

Além do benefício ambiental, o setor florestal na Bahia investe em programas de fomento com pequenos produtores, permitindo que a árvore seja uma fonte de renda diversificada para a agricultura familiar, reduzindo a pressão sobre as matas nativas para a obtenção de lenha ou carvão vegetal, por exemplo.

Tecnologia e Monitoramento: A Floresta 4.0

A sustentabilidade do setor não é fruto do acaso, mas de um investimento massivo em tecnologia. O uso de drones, inteligência artificial e monitoramento via satélite permite que o manejo florestal seja feito com precisão cirúrgica.



Acervo Bracell

"O setor brasileiro de árvores cultivadas é parte da solução climática global."

O setor desenvolveu técnicas de manejo hidrossolidário, garantindo que o plantio de florestas não comprometa a disponibilidade hídrica para as comunidades vizinhas ou para os ecossistemas locais.

As empresas florestais mantêm brigadas de incêndio altamente equipadas que acabam protegendo não apenas os plantios, mas também as áreas de preservação permanente contra o fogo, um dos maiores inimigos da biodiversidade.

O Caminho para uma Economia Regenerativa

A Associação Baiana das Empresas de Base Florestal (ABAF) representa as empresas de base florestal do estado, assim como os seus fornecedores. Essa pluralidade dá à associação a possibilidade de planejar e agir com respaldo nos mais variados âmbitos e em horizontes largos. Por isso, a ABAF fomenta a pesquisa, investe na coleta e tabulação de dados, a exemplo do relatório Bahia Florestal – lançado a cada dois anos (e disponível no site: abaf.org.br).

Na Bahia, a potência do setor também é significativa. São 700 mil hectares de área plantada e 400 mil hectares de área nativa preservada. Em 2024 o setor foi responsável por 4% da arrecadação total do estado (R$ 5,5 bilhões) e 6% do PIB da Bahia (R$ 24,7 bilhões). Além disso, na Bahia, gera 230 mil empregos diretos e indiretos.

Na Bahia são plantadas, diariamente, 280 mil árvores. No Brasil esse plantio é de 1,8 milhão de árvores por dia. Além disso, os plantios florestais são feitos em áreas já antropizadas, com zero desmatamento.

Este é um momento crucial para reforçar que o setor brasileiro de árvores cultivadas é parte da solução climática global, unindo produtividade, conservação ambiental e desenvolvimento socioeconômico. Descarbonizar, adequação aos novos tempos, promover a economia circular e reflorestar. Esses são os principais pontos.

Ao capturar carbono, fornecer alternativas renováveis aos produtos fósseis e garantir a preservação de biomas nativos através de um modelo de negócio sustentável, a silvicultura se posiciona como a ferramenta mais eficiente que temos hoje para enfrentar a crise climática.

A madeira não é o produto do passado; é a tecnologia do futuro. E o Brasil, com sua terra e seu conhecimento técnico, é o guardião dessa chave para um mundo mais equilibrado. ■




Divulgação Abase

VISÃO DE FUTURO: O VAREJO BAIANO COMO FORÇA ESTRATÉGICA NA NOVA ORDEM ECONÔMICA

***Amanda Vasconcelos** – Presidente da Associação Baiana de Supermercados (ABASE)*

A Bahia sempre ocupou um papel singular na formação econômica e social do Brasil. Berço da primeira capital do país, ponto de partida de ciclos produtivos históricos e território onde tradição e inovação convivem de forma única, o estado construiu, ao longo das décadas, uma identidade marcada pela diversidade, pela resiliência e pela capacidade de se reinventar. Hoje, diante de um cenário global em transformação, essa mesma capacidade se torna um ativo estratégico.

Em um mundo em que cadeias produtivas se redesenham, tecnologias aceleram decisões e o comportamento do consumidor evolui constantemente, falar de futuro exige compreender o presente com profundidade. Nesse contexto, o varejo supermercadista baiano se posiciona como um dos setores mais relevantes para o desenvolvimento econômico e social do estado.

Mais do que abastecer, o varejo conecta. Está presente no cotidiano das pessoas, nos pequenos e grandes

> *"O setor ultrapassou a marca de um trilhão de reais em faturamento."*

"Construir o futuro não é apenas antecipar tendências, mas agir no presente com visão, responsabilidade e propósito."



centros, nas rotinas familiares e nas decisões de consumo que movimentam a economia. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o comércio representa mais de 20% do Produto Interno Bruto da Bahia, sendo o segmento supermercadista responsável por uma parcela significativa desse resultado. Em âmbito nacional, de acordo com a Associação Brasileira de Supermercados, o setor ultrapassou a marca de um trilhão de reais em faturamento, consolidando-se como um dos pilares da economia brasileira.

Dentro desse cenário, a Associação Baiana de Supermercados exerce um papel fundamental. Ao longo de sua trajetória, a entidade se consolidou como uma das principais vozes do varejo no estado, atuando na representação institucional, no fortalecimento das empresas e na construção de um ambiente mais competitivo, colaborativo e preparado para o futuro.

A atuação da associação vai além da articulação setorial. Ela se traduz em iniciativas concretas que impactam diretamente o desenvolvimento econômico da Bahia. Um dos movimentos mais relevantes nesse sentido é a interiorização do varejo. Ao estimular a expansão das redes supermercadistas para o interior, a entidade contribui para a geração de empregos, o fortalecimento das economias locais e a ampliação do acesso da população a produtos e serviços de qualidade. Esse processo não apenas descentraliza o crescimento, mas também promove inclusão e desenvolvimento sustentável.

Outro eixo essencial dessa atuação está na capacitação. Em um cenário cada vez mais exigente, no qual eficiência operacional e experiência do cliente caminham juntas, investir em pessoas tornou-se prioridade. A associação tem desempenhado um papel ativo na formação de lideranças e no desenvolvimento de equipes, promovendo treinamentos, eventos e programas que elevam o nível de profissionalização do setor. Estudos da McKinsey indicam que empresas que investem de forma consistente em capacitação podem alcançar ganhos de produtividade superiores a 20%, reforçando a importância dessa agenda.

Nesse contexto de transformação, a liderança assume um papel central. É impossível falar de futuro sem reconhecer a importância da diversidade nos espaços de decisão. Assumir a presidência da ABASE como a primeira mulher em mais de 50 anos de história é, para mim, mais



do que um marco, é uma responsabilidade que carrega significado para o setor e para o estado.

Minha trajetória foi construída com base em consistência, visão estratégica e capacidade de execução. Como empresária, mãe, maratonista e profissional do varejo supermercadista, acredito em uma atuação pautada por resultados, inovação e proximidade. À frente da associação, busco exercer uma liderança alinhada aos desafios contemporâneos, equilibrando eficiência operacional com sensibilidade humana, uma combinação cada vez mais necessária em um ambiente econômico dinâmico.

Mais do que representatividade, acredito em transformação. Lideranças diversas ampliam perspectivas, estimulam a inovação e fortalecem a capacidade de adaptação das organizações. Em um cenário global cada vez mais complexo, essa pluralidade deixa de ser diferencial e passa a ser uma vantagem competitiva.

A nova ordem mundial exige exatamente essa capacidade de leitura e resposta. O varejo supermercadista, por sua capilaridade e proximidade com o consumidor, ocupa uma posição estratégica para interpretar mudanças e agir com agilidade. Seja na incorporação de tecnologias, no uso de dados para tomada de decisão ou na construção de experiências mais integradas entre canais físicos e digitais, o setor segue em constante evolução.

A tecnologia, nesse contexto, deixa de ser um diferencial e passa a ser um meio. Inteligência artificial, automação e análise de dados já fazem parte da rotina das empresas mais estruturadas, contribuindo para a otimização de processos, redução de perdas e aumento da eficiência. Segundo a Deloitte, redes varejistas que adotam soluções baseadas em dados conseguem reduzir desperdícios operacionais em até 30%, além de melhorar a assertividade na gestão de estoque.

Ao mesmo tempo, o fator humano segue como elemento central. O consumidor atual é mais informado, mais exigente e mais consciente. Pesquisa da NielsenIQ aponta que mais de 70% dos brasileiros consideram o compromisso social e ambiental das empresas como fator relevante na decisão de compra. Isso indica que o varejo precisa ir além da oferta de produtos, construindo relações baseadas em confiança, transparência e propósito.

A sustentabilidade, portanto, deixa de ser um tema paralelo e passa a integrar a estratégia de negócio. Redução de desperdícios, uso consciente de recursos, incentivo a práticas responsáveis e apoio a cadeias produtivas locais são iniciativas que ganham cada vez mais relevância. O varejo supermercadista, pela sua escala e capilaridade, tem o potencial de influenciar hábitos e promover mudanças reais no comportamento de consumo.

Ao olhar para os próximos anos, o desafio não está apenas em acompanhar as transformações, mas em liderá-las. Eficiência, tecnologia, proximidade e responsabilidade social serão pilares fundamentais para o crescimento sustentável do setor. Mais do que nunca, será necessário transformar informação em ação, planejamento em execução e estratégia em resultados concretos.

A Bahia, com sua força econômica, diversidade cultural e capacidade de inovação, tem todas as condições de ocupar um papel de destaque nesse cenário. O varejo supermercadista será, sem dúvida, um dos protagonistas dessa construção.

A Associação Baiana de Supermercados seguirá cumprindo sua missão de fortalecer o setor, promover conexões e preparar o varejo baiano para os desafios e oportunidades que estão por vir. Construir o futuro não é apenas antecipar tendências, mas agir no presente com visão, responsabilidade e propósito.

É nesse encontro entre tradição e inovação, entre estratégia e sensibilidade, que o varejo baiano se posiciona como uma força capaz de transformar realidades, impulsionar a economia e contribuir ativamente para o desenvolvimento de uma nova ordem mais conectada, mais eficiente e, sobretudo, mais humana. ■



UMA CIDADE QUE FEZ HISTÓRIA. E CONTINUA FAZENDO FUTURO.

Ao longo de séculos, Salvador construiu uma história marcada por protagonismo econômico, cultural e urbano. Hoje, essa trajetória se traduz em uma cidade preparada para crescer ainda mais.

Com o Invista Salvador, a Prefeitura oferece apoio institucional ao investidor, estudos econômicos, articulação com órgãos públicos e acompanhamento em todas as etapas de implantação de novos projetos. **Venha fazer parte dessa história.**

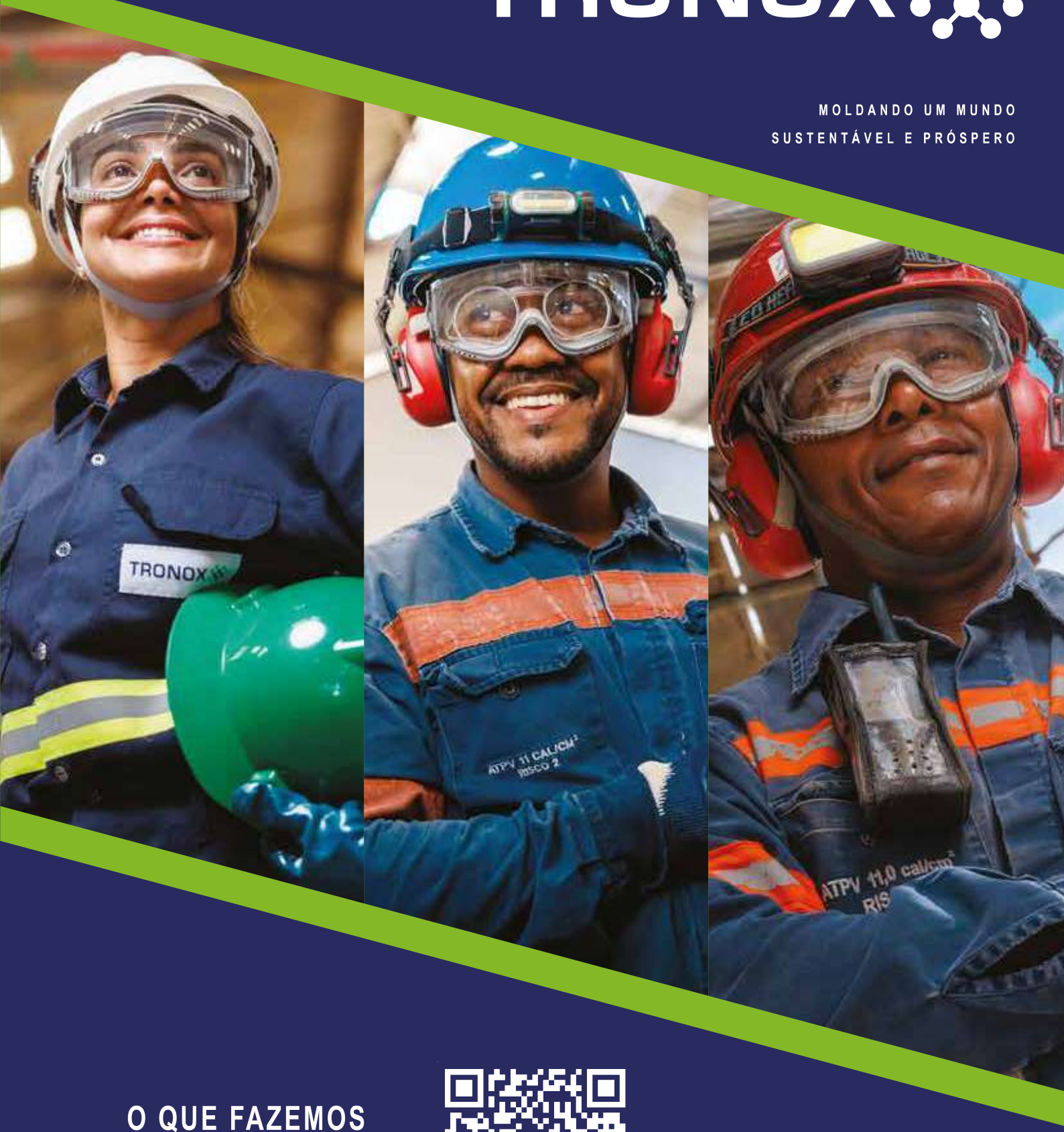
INVISTA Salvador
VEM CRESCER COM A GENTE

INVISTA.
SALVADOR.
BA.GOV.BR

#paratodosverem: Anúncio da Prefeitura de Salvador sobre o programa Invista Salvador. No alto, o título: "Uma cidade que fez história e que continua fazendo futuro". Nas imagens ao fundo, vemos de um lado a parte histórica de Salvador e, do outro lado, a parte moderna. No centro, temos um casal vestido formalmente como executivos. Depois do texto informativo, o subtítulo que convida: "Venha fazer parte dessa história". Na assinatura, a logomarca do Invista Salvador, o endereço do site e a logomarca da Prefeitura de Salvador.

TRONOX

MOLDANDO UM MUNDO
SUSTENTÁVEL E PRÓSPERO



O QUE FAZEMOS
ESTÁ EM TUDO
AO SEU REDOR

Escaneie e descubra